

# **Os Professores e os Dias que (não) Passam na Escola**

**Narrativas para uma reinvenção de dias mais claros**



**Ana Luísa Melo**

## **Ficha técnica**

**Título:** Os Professores e os Dias que (não) Passam na Escola - Narrativas para uma reinvenção de dias mais claros

**Autor:** Ana Luísa Melo

**Pretexto:** José Matias Alves

**Paginação:** Francisco Martins

**Coleção:** LIA\_Ligar Inteligências em Ação

**Local de edição:** Porto

**Data:** maio 2019

**Editor:** Faculdade de Educação e Psicologia

**ISBN:** 978-989-54364-3-9

## Índice

<b>OS 10 C DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES - Notas para um programa de ação .....</b>	<b>5</b>
<b>Ser professor fora da sala de aula .....</b>	<b>12</b>
Quase seis anos .....	12
Logro .....	14
À aventura .....	15
O último dia de aulas.....	16
Na angústia .....	18
Ir .....	19
Em falta .....	21
Dos ciclos da escola e da natureza.....	23
Os alunos da noite.....	24
A vocação dos professores ou a construção do sentido .....	26
Chegar .....	28
Retrato .....	29
Revelação.....	31
Fora do Currículo .....	33
“Não lugar” .....	35
Recomeça, se puderes* .....	36
Sê.....	38
À noite.....	40
Balanço .....	42
Fim de férias .....	43
Da magia .....	44
Abraço.....	46
Do Dever .....	48
A percepção .....	50
Os músicos .....	51
<b>Ser professor dentro da sala de aula .....</b>	<b>53</b>
Do poder pedagógico .....	53
Perguntar .....	55
Livre <i>versus</i> Escravo.....	57
Do sorriso.....	58
Primavera.....	59

Na primeira pessoa.....	61
A Paz.....	62
Os clássicos .....	63
Do saber .....	64
À procura .....	65
Avaliar .....	67
Os Seus.....	69
Ser professor entre os pares .....	70
Por Aristóteles .....	70
Da obrigação.....	71
A obrigação do abandono. ....	72
O “pensar” dos professores .....	74
Respirar .....	75
Sem sentido .....	76
Horário de verão.....	78
Partir .....	80
(Re)encontro .....	81
O presente .....	83
Busca .....	84
A nós, a todos nós .....	85
Roubaram-nos .....	87
No museu.....	89
Os Amigos dos professores .....	91

## **OS 10 C DO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES - Notas para um programa de ação**

José Matias Alves

[jalves@porto.ucp.pt](mailto:jalves@porto.ucp.pt)

(Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano)

Começo este (pre-texto) com uma prece, algumas memórias, uma sistematização dos possíveis ingredientes para o desenvolvimento profissional dos professores e uma dedicatória aos textos que Ana Luísa foi escrevendo. São quatro andamentos que querem merecer os textos que, de algum modo, apresentam. A prece foi tecida no tempo em que regularmente escrevia no *Correio da Educação*, um periódico semanal que marcou durante vários anos alguns milhares de professores. Retomo-a agora com ligeiras alterações. Dirige-se à divindade que existe dentro do humano. À nossa consciência, à nossa compassividade, ao nosso compromisso radical na relação com o outro. E diz assim:

### **1º andamento**

Senhor, dai-nos a luz que ilumine a memória para melhor acendermos o presente. Dai-nos a humildade de reconhecermos os limites e os erros. A lucidez para não confundirmos os meios com os fins, o acessório com o essencial.

Dai-nos alento para ousarmos sair dos círculos viciosos das aparências e do faz-de-conta, a inteligência e a disponibilidade para escutar e para agir.

Dai-nos a determinação para resgatar as nossas crianças e adolescentes do peso da alienação, para “atenuar as consequências vitalícias do veredicto escolar” que arruína a vida de muitos jovens; dai-nos a coragem de multiplicar as oportunidades de sucesso, combatendo a “visão monista da inteligência”, a hierarquia escolar e a insularização dos saberes.

Dai-nos a ousadia para instaurar “novas formas de competição entre as comunidades escolares associando professores e alunos em projetos comuns de modo a suscitar a emulação e, através dela, uma incitação ao esforço, à disciplina produtiva” e à democratização do sucesso; dai-nos o crivo que separa o trigo do joio e a luz que ilumine e reconheça o esforço, a dedicação e a entrega de todos aqueles que amam e educam as nossas crianças.

Dai-nos a coragem para seguir uma linha de rumo que favoreça a construção de uma escola mais feliz e fraterna, mais solidária e mais livre e que não se deixe aprisionar pelo íman dos interesses, pela conspiração dos silêncios, pelo jogo das manipulações e pelos consensos fáceis e estéreis.

Dai-nos o alento para “romper com a rotina”, para “reduzir o fosso entre o fim da escolaridade e a entrada na vida activa”, para destruir o modo perverso do (não) ingresso no ensino superior, que aniquila tantas expectativas e esperanças legítimas.

Dai-nos um poder que esteja ao serviço da realização das pessoas, a confiança na liberdade da ação dos homens e das mulheres livres e responsáveis e a valorização do que é diferente de nós porque é um dos sinais vitais da vida comum.

Libertai-nos da tentação da uniformidade, do peso regulamentador das normas, do excesso de disciplina, da atração do domínio, do reinado do triunfo e da arrogância da *doxa*. E livrai-nos também dos discursos “cheios de boas intenções”, que gerem as (des)ilusões pedagógicas.

Senhor, dai-nos a força, o ânimo e a sabedoria para descobrir os “responsáveis capazes de mobilizar as imensas reservas de inteligência, de imaginação e de dedicação ainda mal utilizadas”, para “vencer as incontáveis resistências” contra uma escola mais justa, mais solidária e para “desmascarar as astúcias do formalismo igualitarista”.

Dai-nos, enfim, a capacidade de indignação e de revolta e o desassossego radical face à injustiça, à exclusão educativa e à precariedade dos vínculos sociais. E não nos deixeis cair na tentação do rebanho, na mediocridade da indiferença e na ilusão das aparências. Ámen.<sup>1</sup>

## **2º andamento**

Esta prece contém um implícito estrutural: o ofício de professor é muito difícil, por vezes penoso e esgotante, e que só exercido com paixão e convicção pode ser realmente exaltante e eficaz. Os professores de todos os níveis de ensino só podem escapar ao desastre pessoal, sociológico e técnico se puderem romper periodicamente com a rotina escolar, saindo do mundo da escola para fazer estágios em laboratórios, cursos breves nas universidades, empresas, contextos sociais diversos. Ou para retomar a sua formação, quer através de um trabalho pessoal, quer seguindo cursos, aproveitando os anos sabáticos (que lamentavelmente foram praticamente arredados da profissão). Por outro lado, seria certamente necessário proporcionar aos professores mais idosos que o desejassem a possibilidade de acabar a sua carreira em funções de administração, tarefas de enquadramento cultural menos pesadas e intensamente exigentes (como as atividades de tutor ou de animador itinerante), segundo as suas preferências e aptidões.

---

<sup>1</sup> As passagens assinaladas com aspas pertencem a Pierre Bourdieu, Collège de France (1987), in *Proposições para o ensino do futuro*. Este texto foi inicialmente publicado no *Correio da Educação* e retomado no livro *Primeiro de Todos os Ofícios* [José Matias Alves (2000). Porto: Edições ASA

Por último, uma sólida competência específica, tanto no que respeita à matéria ensinada como à maneira de a ensinar, constitui sem dúvida a melhor, se não única, garantia da autonomia da escola e da independência dos professores em relação a todos os grupos de pressão.

Como já escrevi, nós, professores, podemos ser o sal da terra, a luz do mundo, a esperança da humanidade. Poderemos ser o sal da terra se continuarmos a estudar, se continuarmos a aprender, se continuarmos a difundir junto das novas gerações o conhecimento gerado ao longo dos séculos. Poderemos ser a luz do mundo se guiarmos com lucidez e afeto, se estivermos próximos, se mostrarmos o erro e ensinarmos os caminhos alternativos que aproximam da verdade. Poderemos ser a esperança da humanidade se soubermos mostrar que o conhecimento tem de ser sensível e situado, tem de servir para aumentar a dignidade, a liberdade e a fraternidade universal.

Nós, professores, poderemos ser tudo isto. Mas também poderemos ser simples funcionários, reféns complacentes (ou inconscientes) de um sistema que destrói talentos, rasura a diversidade, pratica uma tenaz “indiferença às diferenças”. Também poderemos ser indignos de um mandato de “salvação universal e pessoal”. Poderemos ser. Quando destruímos a autoestima. Quando riscamos todo o esforço de construção e não nos dignamos explicar porquê. Quando tratamos todos “como se fossem um só” e destruímos traços identitários de promessa e revelação. Quando não lemos, não estudamos, não aprendemos. Quando seguimos a “tentação do rebanho” de cumprir o programa e dar a matéria, sem cuidarmos das aprendizagens laboriosas de todos.

Nós, professores, precisamos de uma política nacional, local e organizacional que nos alente e estimule. Que nos apoie quando queremos ser sal da terra, luz do mundo e esperança da humanidade. E de uma exigência que não nos permita a mediocridade e a indiferença.

Deste modo, podemos moldar o destino, inscrevê-lo na nossa vontade, deixar marcas indeléveis nos modos de ver, ler e sentir o mundo! Estas são algumas das razões da imortalidade do professor. Da sua quase intemporalidade! Da sua quase divindade criadora! Motivos maiores de gratificação e de realização profissional! Morar no olhar dos nossos alunos! Ser nessa promessa de fazer os outros mais autónomos através do conhecimento e da determinação de uma contínua aprendizagem! De fazer os outros mais livres! Na dádiva e na exigência! Eis todo um programa de ação e reinvenção no modo de ser professor. Todos os membros da comunidade de autores, de criadores de novos mundos estão de parabéns porque não

desistiram de “inventar dias mais claros”. De transformar as escolas em lugares mais exigentes e por isso mais habitáveis. <sup>2</sup>

### **3º andamento**

Enuncio, seguidamente, o que poderão ser os 10 C do desenvolvimento profissional docente.

**1. Conhecimento.** Um professor só pode ser professor se possuir um conhecimento científico e pedagógico atualizado, sensível, teórico e concreto, situado, próximo. Mobilizável para uma ação múltipla do fazer aprender. O conhecimento (os conhecimentos) são a base central do poder de vincular, de empoderar, de emancipar, libertar [também pode ser servir para oprimir, escravizar, explorar, desumanizar, destruir... mas estes são os poderes demoníacos que o professor tem de dispensar]. A necessidade de promover o acesso, o uso, o usufruto dos conhecimentos é uma marca essencial de uma política de regeneração a ação docente. Dos conhecimentos: o saber, o saber fazer, o saber ser, o saber conviver, o saber crescer.

**2. Compromisso.** Ser professor implica a assunção de um compromisso Individual, organizacional e institucional, multi-institucional. Em relação às aprendizagens de todos os alunos. Em relação à implicação pessoal e profissional na renovação das práticas pedagógicas. Em relação à participação ativa nas novas formas de regulação nacional e local das práticas educativas.

**3. Compreensão.** Ser professor é compreender os outros [os seus pares, e também os seus alunos] para os conhecer, os reconhecer. Porque só esta compreensão permite a passagem da ação solitária (e sofredora) para uma ação solidária, um trabalho mais colaborativo e eficaz. Por isso, os tempos de escola têm de ser tempos de encontro, de estudo e de densa interação profissional.

**4. Convocatória.** Ser professor é aceitar o *Con vocare*, o chamamento das pessoas, dos cidadãos para serem partes de um todo orgânico. Para terem vez e voz. Para poderem agir e interagir. Para serem autores. Decisores. Um professor tem, necessariamente, de ser parte ativa de uma comunidade profissional de aprendizagem, tem de *querer ser* criador e autor de oportunidades de aprender e fazer aprender.

---

<sup>2</sup> Algumas destas sequências textuais foram publicadas no *Correio da Educação*.



**5. Comunidade.** Um professor não pode existir sozinho. Para ser parte (e construtor) de uma comunidade educativa tem de descobrir o que pode ser comum. Gerando interações, aprendizagens, identidades. Para incluir. Porque só assim, neste esforço sistemático e contínuo podemos evoluir para uma *comunidade educativa*.

**6. Centro(s).** O professor é a pedra angular do desenvolvimento dos alunos, é a variável chave que abre as portas da aprendizagem. Está, pois, no centro da ativação das possibilidades de aprendizagem. Diz-se, frequentemente, que os alunos são o centro da escola, que as suas aprendizagens são o foco essencial da ação pedagógica e organizacional. E pode ser verdade. Sem alunos não há escola. Mas, geralmente, é o professor, integrado em equipas educativas, que ativa estas possibilidades, que torna as aprendizagens possibilidades reais. E fazem o aluno existir como aprendiz.

**7. Cativar.** Ser professor é saber cativar. Criar uma relação pedagógica fundada nos princípios da fascinação, expectativa, respeito, encorajamento, compreensão, confiança, confrontação, diálogo, exigência (Pedro da Cunha). Criar laços para que possa haver sintonias. Para evitar a solidão ontológica e existencial, a fragmentação e balcanização em que as escolas muitas vezes se transformam. Vivemos muitas vezes em ilhas organizacionais. E precisamos de construir pontes e arquipélagos onde as semelhanças e as diferenças possam coexistir e comunicar. Onde os conhecimentos se articulem e coabitem.

**8. Conetar.** As escolas são “sistemas debilmente articulados”. Mundos de desconexão de matérias, conhecimentos, espaços, tempos, pessoas. Vivemos num mundo paradoxal de desconetividade. Estamos ligados (virtualmente), mas estamos, muitas vezes, sós. Precisamos de interagir para ligar, articular, integrar. O dentro e o fora. Conhecimentos, saberes, pessoas, lugares. De construir uma pedagogia da confiança e da compaixão. Da proximidade.

**9. Confiança.** Ser professor é confiar. Confiar na perfeitibilidade do ser humano. Acreditar que todos podem aprender. Agir para descobrir o que nos pode unir. Para combater os medos. Conhecer e reconhecer. Escuta, respeito. Serviço. Só confiamos se conhecermos os outros. As suas intenções e ações. Para os conhecermos precisamos de ativar o encontro e a interação.

**10. Contrato.** Precisamos de uma nova forma de governação. Uma governação que implique os professores na participação e na deliberação das *coisas* que lhes dizem respeito. Precisamos de uma nova prática de democracia. Se o poder reside nas pessoas, as pessoas têm

de ser chamadas a participar e a deliberar. Os professores têm de ver que há alternativas virtuosas à aceitação de um regime de conformidade, obediência e vassalagem.

#### **4º andamento**

Ser professor, ser autor, ser criador dos dias que passam. Este livro da Ana Luísa Melo nasceu de um desafio que lhe fiz, alimentado por memórias do tempo em que trabalhou comigo enquanto aluna na Faculdade de Educação e Psicologia (FEP) e enquanto colega que ajudou a formar professores do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa.

Os textos que aqui se apresentam foram sendo publicados na página do Facebook da FEP e ganham, agora, uma outra densidade, coerência e significado. Não pretendo fazer uma apresentação canónica destes textos luminosos [aliás eles já se deixam ler nos andamentos que acabo de enunciar]. Mas permita-me a autora e os leitores um registo breve em 7 pontos:

**i) respiração.** São textos que evidenciam o *respirar* de uma profissional da educação. Que oxigenam a ação docente. Que iluminam os paradoxos e as sombras. Que revelam os vários lados de uma profissão apaixonante. *Leves, breves, suaves* para nos resgatarem do peso dos dias que (não) passam nas escolas.

**ii) atenção, escuta.** São textos atentos aos pormenores dos dias (e das noites). Que se escrevem para conhecer (melhor) os labirintos dos vários mundos que constituem a escola. São textos que alentam e despertam. Que iluminam o olhar, ativam os sentidos. Para que possam ser sementes de uma metamorfose profissional e organizacional que os professores têm urgentemente de sentir (e aceitar) se quiserem viver uma vida profissional decente e digna.

**iii) fascinação.** Há, nos interstícios de quase todos os textos, uma fascinação pelo que é humano, seja no registo da relação pedagógica com os alunos (muito presentes nestas narrativas comoventes), seja no registo da relação com os pares professores. É o fascínio do encontro num mundo escolar frequentemente partido e perdido nas brumas da insensibilidade burocrática e do sem sentido da ação. E, por isso, estes textos são um signo e um sinal da esperança na nossa condição autoral.

**iv) sentido.** São textos que se escrevem como uma prática de gnose, de compreensão das alegrias e das tristezas da nossa profissão. Que procuram o *fio de Ariane* que nos pode resgatar dos absurdos, dos desalentos e esgotamentos de diferente natureza. Porque nós não podemos viver sem um fio de esperança, uma luz que nos ilumine e aqueça, sem o conforto de um sentido que nos redima da opressão e das várias prisões que nos privam da liberdade de ser e de existir.

**v) desafio.** Nós não estamos condenados a viver na escuridão profissional. Não estamos privados de pensar e de sentir e de nos afirmarmos na procura de horizontes que desafiem,

interpelem, provoquem os nossos alunos. Nós podemos existir para além dos círculos viciosos da conformidade, da burocracia, da menoridade intelectual.

**vi) viagem.** A Ana Luísa é uma apaixonada das viagens. Do partir, do ir, do chegar, do reencontro. Viajar é procurar o outro, a diferença, a beleza, o encantamento da descoberta. Mas as viagens têm múltiplas expressões. Podemos viajar no interior do nosso pensar e sentir, no interior das nossas turmas e escolas. Ir para longe ou para perto. Dentro e fora é sempre motivo de encontro e descoberta.

**vii) pensar e sentir.** Fernando Pessoa escreveu um dia 3 versos antológicos: *Tenho ideias e razões / sei a cor dos argumentos / e nunca chego aos corações*. Estes textos são a evidência de que é possível pensar e chegar aos corações. E é disso que precisamos: de argumentar, de mostrar, de fazer ver absurdos e possibilidades, de cativar, de sensibilizar, de enunciar os imperativos de um compromisso profissional que não pode deixar de ser convocado e exigido. Porque nós podemos ser a *pedra piramidal. O Sal da terra. A Luz da humanidade. A promessa de dias mais claros e felizes*.

E é esta a mensagem maior desta escrita que tive o prazer de provocar e de fruir. Também por isso é devida uma palavra final de gratidão.

## Ser professor fora da sala de aula

### Quase seis anos

Hoje cruzei-me com ele perto da entrada da escola.

Está quase um homem. Olhámo-nos. Sorrimos e inclinámos as cabeças num cumprimento mútuo.

Já lá vão quase seis anos.

Nessa altura, fomos tutora e tutorando. Uma aventura.

Aquando da implementação de um projeto de tutoria na escola, foi-me proposto integrá-lo. Sem qualquer preparação específica para a função, aceitei a proposta e tentei preparar-me o melhor que pude para começar a trabalhar nesse desafio. Quem é professor sabe bem que acontece com muita frequência esta situação: começar a trabalhar – “ir para o terreno” – sem grandes apetrechos para tal. Inexperientes, confiamos em nós, numa intuição que nos orienta e guia, procurando ir fazendo o melhor, ainda que não saibamos bem como abordá-lo. Foi assim.

8º ano, desinteresse escolar absoluto, acentuada falta de assiduidade, alguns comportamentos de risco, companhias extra escola suspeitas ou confirmadas como indesejáveis, e um ainda maior rol de elementos pouco favoráveis ao sucesso escolar.

Calado, vinha ter comigo nos últimos 45 minutos das tardes de 3ª feira. Era fim de tarde, o dia tinha chegado ao fim e antecipava-se o regresso a casa. Não era um horário propício ao trabalho e ao estudo. O dia inteiro na escola, uma série de aulas, então... que fazer?

Numa primeira fase, procurei saber quem era. Depois, saber se sabia porque estava ali, em tutoria. E, também, que expectativas tinha.

Tive imensa dificuldade. Eu queria ouvir para poder compreender, mas não conseguia fazer falar quem não estava disposto a isso. Fui caminhando com cuidado, com muito cuidado.

As situações de indisciplina, pautadas, sobretudo, pela insolência, repetiam-se. A diretora de turma perguntava-me se estava a correr bem e eu pouco tinha para dizer. Corria bem (éramos pontuais e estávamos juntos!) mas não podia acrescentar muito mais. Um dia, uma situação de insolência mais grave foi decisiva. Nesse dia, chegou mais cabisbaixo, a olhar para o chão. Entrámos para o pequeno, mesmo muito pequeno gabinete, onde passávamos aquele tempo. Sentámo-nos e olhámos um para o outro. Percebi que era um momento importante e ele também o percebeu. Perguntei:

- Queres contar-me o que se passou?

Olhou-me e contou. Num discurso corrido, só factos sem juízos de opinião. Com os termos todos. Feios. Fortes.

Fiquei atenta. Ouvi. Escutei.

Senti que devia ter alguma receita mágica para intervir; mas não tinha. A minha consciência ou o bom senso levou-me a perguntar-lhe o que deveria, então, fazer. Respondeu-me conforme o esperado: pedir desculpa, ...enfim, aquilo que era aceitável.

Na semana seguinte, disse-me que assim tinha feito. E a nossa relação mudou.

Conseguimos conversar. Sempre com alguns silêncios, mas falávamos. Soube como vivia a ausência do pai (que estava fora a trabalhar e vinha de quinze em quinze dias passar o fim de semana), como passava os dias na escola (todos, desde a manhã ao fim da tarde), a responsabilidade de ir buscar o irmão mais novo à escola ao lado e levá-lo para casa (onde lhe dava o lanche e acompanhava até à chegada da mãe, perto da hora do jantar) e o que fazia no quarto após o jantar - estava no computador. Sempre conversas onde não havia opiniões. Quase só factos.

Conversámos muito, com muitos silêncios também. E o ano foi chegando ao fim. Lento, mas foi. Fez-me aprender muito. Aprendi que à minha volta há muitos a quem foi e é, roubada uma infância insubstituível. Nunca fizemos grande trabalho de estudo. Mas ficou-me muito presente uma situação séria e intensa. Lia muito mal e era sofrível a sua leitura de um texto que era necessário para a disciplina de Português, *O gato malhado e a andorinha Sinhá*, de Jorge Amado. Num impulso, propus-me ler. Pedagogicamente, sei que o ideal seria que ele o fizesse, mas não o fez ou eu não consegui levá-lo a isso. Enfim, li o texto. Todo. Em voz alta. Lado a lado, na secretária, ouvimos os dois a minha voz. No fim da leitura do texto, comoveu-se. Eu também. E não dissemos nada.

Por motivos imprevistos, não tornámos a estar juntos. Ficou aquele momento a marcar o nosso último encontro.

Quando hoje, nos cruzámos, veio-me tudo à memória. Aquele olhar recordou-me esse tempo e, também, um Fragmento de Novalis, que na sua singeleza formal assume a densidade de uma esperança: *Tudo é semente*.

## Logro

Entrei na sapataria e, após uma observação mais ou menos rápida, dirigi-me à menina que poderia atender-me. De costas, voltou-se, quando a solicitei. Encarou-me e, súbita e imediatamente, começou a rir e a chorar. Uns soluços enormes e uns imensos e líquidos olhos verdes. Literalmente. Sorri-lhe e abracei-a. Uma aluna - menina - que apareceu agora ex-aluna - mulher.

Depois da torrente de lágrimas e do espanto dos presentes no local, conseguimos conversar. Concluído o secundário e, na ausência de um trabalho para o qual se havia preparado e, também sonhado, foi necessário “ajudar a pôr comida na mesa”. Disse-lhe que sim, que compreendia. Mas não compreendi. Nem compreendo. Jamais compreenderei.

Uma escola que se enquadrava nos perfis desejados para a implementação de cursos profissionais, um curso profissional exigente feito à medida das necessidades de trabalho e em parceria com instituições locais. Tudo o que parecia ser o mais adequado a jovens com aproveitamento e vocação para ingressarem na vida ativa.

Os alunos concluíram o curso e saíram para o mercado de trabalho. Melhor seria dizer saíram para um mundo que não os esperava e que eles não esperavam. Ou ainda melhor, que sabiam ser difícil, mas não tão difícil. Eram alunos habituados a dificuldades; durante os anos do curso, praticamente metade da turma teve sempre um dos pais desempregado. Em alguns casos, os dois. Em muitos casos, ausentes em trabalho fora do país. Não poderei considerar que eram alunos impreparados. Não eram. Mas a dura realidade impôs-se. E foi necessário pôr em prática o que tantas vezes desejei que aprendessem: sobreviver dignamente. Ser capaz de fazer o necessário, de cabeça levantada e o melhor que lhes fosse possível. Sem medo e sem vergonha. Poderá ser injusto, mas essa consciência é já superação. O caminho faz-se. Há pedras e contratempos, mas “andem, não se fiquem”. Aprendam a aprender.

Nenhum professor deixa de se emocionar com o reencontro com os seus alunos. E não são “ex”-alunos; continuam a ser “alunos”, porque a memória que deles se guarda e cristaliza em nós não é a que o tempo de reencontro oferece, mas sim aquela que a memória guardou. E é nessa condição que se encontra o outro que foi nosso. Aqueles olhos verdes imensos e líquidos também me emocionaram. Ainda hoje me emocionam. Porque me recordaram aquilo que sei que lhes ensinei. Porque sei que não devem nem têm que ter vergonha de trabalhar no que não lhes foi ensinado na escola que os preparou para o trabalho. A vida é assim. É. Mas não devia ser.

## **À aventura**

Música e filmes. Podia ser outro, mas era este o tema.

Foram quase todos. Sentados em lugares à minha frente, a expectativa era grande. Nunca tinham ouvido um concerto de música clássica. Agora estavam ali, sentados na sala da Casa da Música. Arranjados, como convinha. Ouviram. E, como esponjas, absorveram tudo. Os sons, as melodias, a concentração dos músicos, a atenção e enlevo do maestro, a coreografia cerimoniosa que estes eventos sempre revelam. A naturalidade com que tudo acontece.

Eram onze alunos. A ideia surgiu numa aula e decidi que ia com eles, se quisessem. Queriam. Fomos. Depois, eles foram almoçar juntos, sem acompanhantes.

Imagino que devem ter conversado sobre tudo o que tinham visto e ouvido. Tinha sido um concerto comentado e não muito longo. Na aula seguinte, disseram que foi “espetacular”. Acreditei.

Entre colegas (fomos várias as professoras que também foram), comentámos o entusiasmo dessa saída voluntária em conjunto. E, entre conversas e reflexões, num impulso caloroso, a diretora da turma enviou aos encarregados de educação e, igualmente a todos os professores da turma, um email breve em que elogiava a atitude e comportamento dos alunos. Mereceram. E, decerto, recordarão para sempre os sons que o comentador convidou a escutar como sendo “oiçam a terra” referindo-se ao início da obra que iriam escutar.

Adorámos todos. Acho que terá sido porque, para além do deleite, sentimos que é uma felicidade proporcionar aos nossos alunos viverem como “descobridores e não como testemunhas\*”.

\*Numa referência a uma crónica de José Luís Peixoto disponível em

<http://www.voltaaomundo.pt/2015/11/26/uma-cronica-de-jose-luis-peixoto-2/>

## O último dia de aulas

Há dias que não passam nas escolas, e há outros que perduram na memória de todos aqueles que os viveram. Foi o que aconteceu no último dia de aulas deste período, o dia do Natal das Línguas. A escola encheu-se de cor. O vermelho (cor do coração – *cor* - e da paixão), o verde (cor da esperança) e o brilho de velas, luz do acolhimento e da paz. E foi com paixão partilhada, verdadeiramente *compaixão*, que aquele dia aconteceu.

Este ano, o primeiro período foi muito longo. Dias intermináveis, semanas e meses sem qualquer paragem que se prolongavam sem nunca se ver o fim. Todos os que vivem a escola se arrastavam para um trabalho que não parecia terminar. Exigente, o esforço a que nos foi obrigando, sugava a vitalidade e o ânimo. Demorou, demorou muito e, finalmente, chegou ao fim. Esgotados, professores e alunos chegaram aos últimos dias. Estávamos no Natal.

Nos últimos anos, a escola esteve, e está ainda, em obras. Terminada uma parte do edifício, as restantes ficaram paradas, reféns de um processo que, tal como este período, parecia não avançar. O espaço em que trabalhamos, cerca de um terço do total do edifício, está incompleto e é dominado pelas cores cinzenta, branca e preta. Mas quem chegasse à sala do refeitório – tornada um polivalente que faz jus a este nome – na tarde do penúltimo dia de aulas, ficava surpreendido - com a cor, o verde e o vermelho, com o barulho, uma imensa quantidade de vozes que falavam muito alto, com a inusitada agitação. Surgiram, também, uns pequenos balcões semelhantes aos que existem em feiras, de madeira e com telhado. Surpreendia-se, também, com a energia que se desprendia dos que o povoavam. Professores, alunos e funcionários trabalhavam no arranjo e decoração do que prometia ser um *evento*. E foi. No dia seguinte. Magnífico.

A atividade chamou-se *Dia das Línguas* e envolveu, fundamentalmente, o Departamento que as integra. Consistiu numa sensibilização para a forma como se celebra o Natal nos diferentes países e culturas, nomeadamente no que concerne aos hábitos gastronómicos e culturais. Os balcões, para além do azevinho e do buxo, foram decorados com o que é típico de cada cultura e país, com ênfase para os países europeus e especial notoriedade para a Grã-Bretanha, França e Alemanha. Os alunos e professores vestiram-se com cores e adereços próprios da quadra, e o momento alto foram os cânticos de Natal que os alunos – e professores - entoaram nas diversas línguas e que marcaram o início da atividade. Cantaram nas escadas centrais, à vista e tiveram a atenção de todos. Os professores orquestravam muito concentrados e os alunos davam cor à música. Ninguém se preocupou com as matérias, com os testes, com as notas, com os exames. Foi um dia inteiro só de aprendizagens puras: de como se organiza todo um acontecimento que envolve tanta gente que, em conjunto, *colaborativamente*, se prepara para realizar um dia que se quer feliz. Onde se aprendeu que há muitos professores que, mesmo



esgotados, não baixam os braços, não desistem de proporcionar aos seus alunos, que são de todos nós, um dia que passe – mas fique – na memória de todos os que vivem na escola.

Foram momentos que passaram pela escola. Um dia que a marcou.

## **Na angústia**

As imagens de mais um ataque terrorista invadem a manhã. Olhamos o caos e o horror. Saímos de casa e vamos para a escola.

Os alunos querem falar. Temos que ouvir. Compreender. Conversar. Ser professor no meio do horror que, simultaneamente distante e presente, também invade a escola. Poderíamos acrescentar, com razão, que essa angústia não existe só na escola; de facto, é verdade. Mas na escola, confluem as angústias de todos nós. Na escola, estamos muito próximos da pessoa de cada um. De coisas essenciais para todos nós. Do medo, do desconhecido, da incerteza, da morte. Da tristeza. Da solidão. Do presente e do futuro. Da vida.

Estamos próximos das crianças que, muito assustadas, observam o terror sem filtros e sem legendas. O que fixam das imagens e sons que lhes chegam, entra neles e aninha-se num recanto da infância.

Estamos muito próximos dos jovens que vivem o terror como manda a juventude: intensamente. Radicalizam o que sentem e extremam opiniões imediatas e sem fundamento lógico. Vivem a emoção do medo numa rejeição que é tão violenta como ele próprio. Sentem-se ameaçados e gritam essa ameaça.

Estamos próximos de todos nós, os adultos. Que nos angustiamos num emaranhado de medos e sentimentos que nos tomam. Perturbados, feridos, fracos, tentamos manter a lucidez e a razão.

Viver este tempo na escola exige uma responsabilidade maior. Uma responsabilidade humana, de quem é pessoa, de quem é corpo e alma. Responsabilidade. De ouvir. De escutar com os ouvidos, com os olhos e o coração. De acalmar. De conversar. De falar sobre o que acontece e aconteceu procurando afastar o susto e o medo. De conversar, procurando ver perspectivas. Procurando ver mais. Eles têm que sentir que cada um de nós, professores, é porto seguro. Mesmo não sendo, temos que o ser.

Ser professor neste tempo é estranho. Há uma estranheza perante o mundo que nos envolve. Preparamos um futuro que assiste a uma angústia sem forma e que paralisa, que impede que nos projetemos para a frente.

Os nossos alunos precisam de mais substância. De muitos mais olhares serenos. Precisam mais de nós.

## Ir

Chegaram ontem. Vinham de uma viagem que a diretora de turma e eles tinham organizado a uma cidade europeia, no âmbito da disciplina. Os olhos e o entusiasmo não mentiam: tinham vivido intensamente esses dias. Quando viajam, os alunos vêm sempre diferentes. Mais vivos, mais atentos, mais críticos, mais conscientes do que são. Vêm mais “altos”, mais conhecedores e mais capazes de pensar. Mais adultos, vêm mais “mais”.

O sentido de viajar é muito diferente do de “ir de férias”. Procurar um destino de férias é procurar um destino turístico; viajar é muito diferente. Viajar é empreender uma procura do que não se conhece, é ir em busca de conhecimento, não de descanso. É o oposto de repousar. É ativar ao contrário de descansar. E não é a distância do destino o que importa; é o “ir”. Ir.

Com as tecnologias de que hoje dispomos, qualquer viagem está previamente documentada em imagens e sons. Já se viram os lugares. Mas, quando se está lá, “vivem-se” os lugares das imagens e estes tornam-se reais. São os ares, os cheiros, as dimensões que se impõem. É o assombro.

Durante este ano letivo, tem sido possível criar condições para que muitos alunos da escola viajem. É certo que não tem sido possível – embora fosse a utopia fantástica – estender essa possibilidade a todos, mas tem já sido possível para muitos. O mundo torna-se mais pequeno (porque mais conhecido) mas, paradoxalmente, torna-se, também, muito maior. Os limites de qualquer viagem são sempre largos e sempre estimulantes. A distância ou o destino não são assim tão importantes ou melhor, importam, é certo, mas há uma dimensão de desconhecido e de curiosidade que se sobrepõe a esses aspetos. O que importa é ir.

Este gosto por “ir” está hoje (e felizmente) muito presente nos nossos alunos. Têm sede de mundo e de abrir os sentidos ao que podem encontrar. Recordo-me de um episódio em que um aluno, em conversa, enquanto passeávamos a pé numa cidade distante me disse “no meu livro de História está uma fotografia de um palácio igual àquele”. Nessa altura, sorri e recomendei com alguma ironia, “olha bem, será mesmo?”. Parou e, num deslumbre incrédulo, exclamou, “Mas...é este??!!”. É esta a experiência.

E, certamente, também nunca poderíamos negligenciar as imensas aprendizagens não curriculares que uma viagem proporciona. A relação de pertença a um grupo, a solidariedade, as cumplicidades de cores, de cheiros, de sons e silêncios que estas vivências permitem partilhar são, por si só, verdadeiros potenciadores de aprendizagens. Processar o que se viveu, interiorizar esses momentos induzem o saber. A verdade é que há sempre um “antes de ir” e um “depois de vir”. Bastam estas expressões – as balizas da experiência – que mostram que os professores que as dinamizam e acompanham são protagonistas de uma história de sucesso.

Tanto esforço, tantas horas, tanta cansaça, valem a pena. Acrescentam conhecimento. Com uma viagem, a escola torna-se inesquecível e o mundo muito mais próximo. “Viajar é sentir” \*.

\*Numa referência a Álvaro de Campos disponível em <http://arquivopessoa.net/textos/2854>

## **Em falta**

Notícia num semanário: Ordem dos Médicos vai lançar uma petição para reduzir o horário de trabalho de quem tem filhos até aos três anos. A necessidade de prevenir o risco de doenças mentais no futuro parece justificar esta sugestão.

Quatro professoras conversavam sobre esta notícia. A conversa estava viva e participada. Todas acham que é importante os filhos estarem mais tempo com os pais. Faz falta a interrelação. Estão pouco habituados a estar com pessoas. Não têm grande regra na inter-relação social. Não sabem conversar. Nem fazer grande coisa. Descascar uma maçã, comer com maneiras, usar o guardanapo, esperar para falar, falar calmamente, ... são exemplos do que as quatro referiam como aprendizagens essenciais a uma vida em sociedade. E todo o resto!

Concordei. É um facto que cada vez mais as crianças e os jovens estão distantes de uma interrelação com os pais. Confronto-me com essa ausência de um tempo comum em que se viva essa relação. Há uma grande solidão pedagógica na família. Em conversa com os alunos, dizem-me que, quando estudam em casa, mais ninguém costuma lá estar. Horários profissionais dos pais determinam que assim seja. Mas, quando questiono o que fazem em comum, quando pais e filhos interagem, que momentos partilham, referem, invariavelmente, as refeições. E, quanto a estas, normalmente só o jantar, após o que, frequentemente, regressam ao seu quarto, fechando-se num espaço só seu, atitude e comportamento que os exclui da conversa familiar ou parental sobre o dia. Vivem numa casa (um lar?) cujo quotidiano é limitado e não lhes é próximo. Será paralelo, feito em espaços contíguos, mas não comuns e não partilhados. Talvez por isso, até os afetos e a aproximação – que muitas vezes emergem com maior visibilidade nestes momentos familiares que o tempo mais lento e repousado permite – não são presenciados nem vividos pelos nossos jovens. É-lhes invisível toda uma realidade de afetos e emoções humanas que tem uma função estruturante e modeladora e que, irá, decerto, fazer uma imensa falta ao longo da vida. Falta a escuta, falta a paciência, falta a atenção, faltam o repouso ou a agitação de uma casa com gente. Repare-se que a educação afetiva enferma, hoje, dessa falta de referências e modelos de relacionamento. Que momentos, no quotidiano, partilham os jovens com as famílias? Presenciamos hoje, em muitos jovens, uma generalizada falta de compromisso afetivo. Provavelmente, terá algo a ver com esta falta de vida em família, de uma vida em comum, de viver as mesmas horas, um mesmo tempo.

O pleno exercício da atividade parental é muito importante. As aprendizagens mais básicas – a socialização primária – são feitas na família e, por mais próximos e significativos que sejam os adultos cuidadores de referência (e são-no, certamente), o papel parental é determinante na maturidade emocional de uma criança, jovem e adulto.

Certa vez, convidados a contabilizar esse tempo comum “em relação com os seus pais”, os meus alunos ficaram impressionados com os resultados da sua tarefa: todos julgavam que interagiam muito mais tempo diário com eles. Nessa altura, foi oportuno conversarmos sobre a vida em família, sobre o que significa essa noção, que lugar e papel têm esses afetos, que, como tudo o que se relaciona com a aprendizagem, vivem das pessoas. Vivem da conversa e dos silêncios que se partilham, que ensinam e fazem aprender muito mundo e muita vida. Se não arranjarmos formas de viver em conjunto momentos simples, estamos a falhar como família e como pessoas e, pior, a comprometer um futuro.

Na escola, recordo uma mãe que, convidada a falar-me sobre o seu filho, que revelava comportamentos de indisciplina, me dizia repetidamente “não percebo, não sei porque age assim. Não lhe falta nada, tem tudo o que quer; eu tenho dois trabalhos e o pai, que está fora, felizmente ganha bem. Nada lhe falta”. Ouvi-a. Faltava tanta coisa ...

## **Dos ciclos da escola e da natureza**

Os ciclos da vida escolar estão, para mim, muito ligados aos ciclos da natureza.

Talvez seja porque grande parte da minha já longa vida profissional foi vivida em escolas fora da cidade em que residia, o que me obrigou a maiores ou menores deslocções. Isso permitiu-me observar a paisagem.

Foi-me sempre familiar o início do ano no outono, com cores douradas e uma luz aloirada; a dureza do inverno gelado que no final do primeiro período a todos tolhia e sempre se impunha com uma frieza que permaneceria por muito tempo; o segundo período mais ou menos longo em que os dias se iam estendendo mais e mais... e um período final em que a primavera fresca e forte cedia à plantação do milho que víamos crescer de dia para dia. Foram estas as paisagens durante muitos, muitos anos de trabalho e de estrada.

Ontem, plantaram o milho. As aulas estão a acabar.

A escola é na periferia da cidade grande, mas há campos por todo o caminho que se percorre. É assim a nossa geografia: ao lado da fábrica, as couves, as favas e as cebolas enchem os campos. Ao lado da escola, pastam vacas. Da janela de algumas salas, veem-se os campos verdes e tenrinhos com tanta chuva que caiu.

Os professores estão esgotados nesta altura do ano. Exaustos do trabalho, extenuados do esforço, consumidos pelo toque da campainha que desde setembro não lhes dá descanso, podem, neste final de ano caminho da escola, olhar as videiras que nas latadas se espevitam e espigam para o ar. Podem também, olhar o milho e esse, é vê-lo crescer.

## Os alunos da noite

Estou a acabar as aulas que dou à noite. Já lá vão muitos e muitos anos desde que, no início da carreira, dei, também, durante quatro anos, aulas à noite.

Era uma realidade muito diferente da de hoje. As turmas eram enormes, muitos alunos com uma média de idades que se situava na década dos trinta. Trabalhavam todos de dia, tinham família constituída, muitas responsabilidades, e eu era uma jovem.

Hoje, estamos num contexto muito diferente. As turmas são muito mais pequenas e a maioria dos alunos ainda não chegou aos trinta anos. São poucos os que têm filhos, a maioria não tem emprego e, quanto aos que trabalham, há uma larga percentagem que se encontra em situação de empregabilidade precária. As famílias estão com frequência separadas com um dos cônjuges a viver e a trabalhar fora; alguns vivem em situação familiar alargada, com um ou os dois pais. E eu, já não sou jovem.

Só ontem, quando regressava a casa já tarde na noite, refleti sobre isso. Estas situações que distam cerca de trinta anos, curiosamente, vivem-se – coincidência! - na mesma geografia, quase na mesma escola. Na altura só havia uma escola com ensino noturno na região, tal como agora. E, como muitas vezes na minha vida de professora, a viagem para casa foi momento de reflexão. E vim a pensar – melhor, a fazer um balanço - nesta experiência que se repete trinta anos depois.

Antes, nos anos oitenta, grande parte dos meus alunos tinha vivido um percurso de abandono da escola no final do 2º ou do 3º ciclo. Ditavam esse abandono necessidades económicas que impunham mais gente a trabalhar em casa e o desejo de uma autonomia que não se coadunava com o estudo. A grande motivação para a frequência da escola era a vontade de ingressar no ensino superior que foi o objetivo conseguido da maioria dos meus alunos da época. Felizmente, pude assistir a isso.

Hoje, a maioria dos meus alunos quer concluir o ciclo de estudos secundário que ficou incompleto por circunstâncias que não estão diretamente ligadas a imposições económicas. Percursos de indisciplina e desmotivação, absentismo, “más companhias” (dizem-me), enfim, uma realidade diferente. E depois de concluído este ciclo? “Logo se há-de ver”.

Facto: voltaram. Aos bancos da sala de aula. E eu voltei a dar aulas à noite.

Gosto muito. Já nem me lembrava de como era, ou foi. Era uma escola que fervilhava à noite como de dia. Muitos professores; o bar e a papelaria abertos até tarde; funcionário dos serviços administrativos e muitos, mesmo muitos professores. E muitos alunos.

Agora, tenho outra idade e outra experiência. Estou diferente. Tudo é diferente. Ainda que com a mesma dedicação - gosto muito do que faço - sei mais. Estudei. Também eu já voltei aos bancos da sala de aula. Preparei-me melhor. Posso ser capaz de fazer melhor. Converso



mais, muito mais. Estes alunos precisam de conversar, de serem animados, de serem ajudados a persistir. Porque é na escola e nos seus bancos que vão inscrever a sua biografia, ainda que não tenham no horizonte o céu azul dessa década, que foi boa!

Não há muita gente à noite, na minha escola. Não somos muitos. Estamos a chegar ao final do ano e sinto que têm pena de acabar as aulas, não obstante o alívio que isso representa. Gostaram. Acho que voltam. Eu penso voltar. E foi bom. Gostei muito.

## A vocação dos professores ou a construção do sentido

Na caixa do supermercado, solicitei uma fatura. A menina que me atendia realizou os procedimentos necessários, mas algo não correu bem e não conseguia concluir a operação. Nervosa e visivelmente inexperiente, solicitou ajuda à colega ao lado que acabou por lhe explicar como deveria fazer. Quando me entregou o talão das compras, desculpando-se, sorriu, disse que era o seu primeiro dia de trabalho e agradeceu a minha paciência. “Não se preocupe, ninguém sabe sem aprender” respondi, enquanto guardava os papéis entregues. “É professora”, rematou. “Sou”. “Vi logo”, continuou, “teve paciência”.

Dirigi-me para o elevador que me levaria ao parque de estacionamento. À porta do elevador estavam três crianças. Para lá, dirigiam-se, também duas senhoras. Eram duas colegas minhas de há muitos anos atrás, que não via há imenso tempo. Fui-me aproximando. As duas conversavam entre si sem grande atenção, quando uma delas, por acaso, reparou que uma das meninas tinha carregado nos dois botões (indicadores de subida e descida) para chamar o elevador. Parou de conversar. Olhou para a pequena e perguntou-lhe: “queres subir, não queres?” “Sim”. “Então – continuou – não é suposto carregares no botão de descida. Se pretendes subir, carregas no que mostra a indicação de subir; se pretendes descer, fazes isso no que indica a descida. Vês?” disse enquanto apontava para os botões. A jovem ouviu e concordou com a cabeça. Ela voltou-se de novo para a amiga e, nesse instante, viram-me. Conversámos logo e entrámos todas no elevador que, entretanto, chegara.

As situações próximas de todos nós revelam algumas das características dos professores.

A paciência é uma delas. A apreensão de algo desconhecido não é, vulgarmente, imediata. Exige calma, atenção, concentração e paciência. Aprender tem um ritmo e um tempo. Querer aprender é essencial, mas, fazer aprender exige a consciência de que nem todos aprendem ao mesmo tempo e com a mesma facilidade. Somos todos diferentes; isso também determina a forma como ensinamos e como fazemos com que outros aprendam. Qualquer aprendizagem (e “ensinagem”) tem em conta essas diferenças. Ensinar um trabalho manual e ensinar a pensar são, substancialmente, diferentes, mas do ponto de vista de uma nova aquisição, muito semelhantes. Convocar a atenção, a concentração e a paciência, a par da matéria da aprendizagem é um ato solidário. Por isso, sejamos, também, pacientes.

Por outro lado, a situação do elevador confirma-me (e reconfirma-me) que há no professor, uma *disposição* para a “ensinagem”. Quem ensina, quer sempre que todos aprendam mais. E mais. E bem. Como deve ser. Sobre tudo e mais alguma coisa. É por isso que a minha colega de longo curso continua a fazê-lo. A qualquer um. Eu também o faço. Todos os que somos professores o fazemos. Espontaneamente, sem solicitação. Somos um pouco intrometidos, há quem diga. Que o sejamos. Sejam nós, os professores, *construtores de mais sentido* para

alguém. Não é essa vocação pedagógica, essa *abertura ao sentido*, a alma daquele que é professor?

## **Chegar**

Ao longo da estrada, o milho acompanha-me à escola. Amarelo, seco, quase a ser colhido, anuncia o início do ano letivo. Calor, sol, e uma luz brilhante, mas já com uma tonalidade dourada a entrever o outono que, muito ao de leve, se vai fazendo chegar.

Chegamos.

Cheios de cor, enchemos o espaço novo, amplo, largo e imenso onde todos nos cruzamos neste primeiro dia. Para começar. Com sorrisos, atravessamos o portão de entrada e, a passo calmo, levamo-nos até à entrada de portas amplas, que nos abrem um novo ano. As instalações são novas, a escola é grande. Mudámos. Finalmente. Parecemos pequenos na dimensão que abrangemos. Acontece estar tudo no sítio e, estranhamente, fora do sítio. Está tudo já arrumado e ainda não nos é familiar. Por isso, talvez os sorrisos sejam meios sorrisos, misturados com uma atenção que ainda estamos a prestar ao espaço e aos pormenores. É tudo grande. Até faz algum eco. Os tons dominantes são o preto, o branco e o cinzento. A ideia é que sejamos nós a cor. E somos. Morenos, cheios de sol que o verão ofereceu, chegamos. Vestimos as cores do verão. Garridas, fortes, muito intensas. Mostramo-nos à escola que nos acolhe. Cumprimentamo-nos ali, naquele espaço largo e desafogado. Nós somos nós, mas o espaço não é, ainda, nosso. Há-de ser.

Vamos chegando a pouco e pouco. Vamos re-começar.

Re-começar é uma característica muito especial da profissão docente. Todos os anos têm uma duração própria que é marcada por um princípio, um meio e um fim. Já foi o fim. Já houve tempo desde o final do último ano. As férias grandes trouxeram ordem ao ano que passou. E a ordem arruma, organiza, separa o essencial do acessório. E este é, novamente, o tempo do princípio. Do começo. Do re-começo. De ver tudo de novo como novo, e reconhecer tudo como sendo novo, mesmo que já conhecido. É uma estranheza familiar para os que já trabalham há algum tempo. É bom. Mas, nos últimos anos, também há uma fina melancolia ou mesmo tristeza no olhar daqueles que re-começam. Há uma mágoa que trazem e que, entre pares, todos reconhecem. Um desencanto que o recomeço esbate, afasta, mas que não consegue deixar de lá estar. A docência está uma profissão cansada. Sente-se. É preciso ir fundo para buscar a esperança.

Mas já chegámos. Já cá estamos. Para começar. Mais uma vez.

## Retrato

Tenho três turmas de décimo ano. Alunos novos, alguns com ar ainda muito infantil e outros já com um aspeto mais crescido. São muitos. A sala fica completa.

Logo na primeira ou segunda aula, costumo entregar-lhes uma folha que devem preencher, e peço-lhes que se apresentem e respondam a algumas perguntas sobre o mundo que nos rodeia. Normalmente, é uma atividade que deixo para o fim da aula e acaba por ser um momento silencioso de reflexão. Vejo-os a pensar: caneta na mão, cabeça inclinada, escrita intercalada com essa posição, que presencio desde há anos e constato que é sempre a mesma. Estão a pensar.

O som da campainha dá por terminada a tarefa. Entregam-me as folhas e saem no meio do burburinho do intervalo. Arrumo os papeis, a pasta, e saio.

Em casa, na calma e no silêncio, organizo o que preencheram. Esse momento surge-me sempre ritualizado e intimista, até algo cerimonioso, um momento em que os meus alunos confidenciam coisas que pensam sobre si e o mundo que os envolve: com quem vivem, a família que têm, os animais de estimação, onde estudaram, em quem confiam, os projetos com que sonham, quem admiram, enfim, mostram-se-me pela primeira vez e, com a ingénua sinceridade de uma semi-infância, dizem muito sobre si próprios. E o que dizem sobre si próprios revela-me a família e o mundo, a “sua” família e o “seu” mundo.

A par destas informações, chegam-me, por prodigioso correio eletrónico, outras mais, enviadas pelas diretoras de turma. E eu, de repente, sei muitas coisas sobre alunos que vi ainda muito pouco. Fico conhecedora de uma realidade que, apesar da minha experiência, me surpreende sempre. Sempre.

Este ano, soube que muitos, mesmo muitos, vivem com a mãe. Existe muito desemprego, muitos pais divorciados (há muitos alunos nestas circunstâncias) e, nestes casos, percecionam a figura do pai pouco presente ou mesmo ausente. Esta situação é-me sempre estranha e impressionante. Em alguns casos, vivem com os avós. Quando os referem, fazem-no sempre num tom muito afetivo, e os animais de estimação são grandes companheiros.

Fico, também, ciente de que o “seu” mundo está circunscrito a uma geografia doméstica. Muito poucos conhecem outros horizontes e, mesmo a proximidade de cidades grandes, não é muito enriquecedora.

Passo, de novo, os olhos sobre as folhas preenchidas - palavras escritas e espaços vazios. Algumas das perguntas referem-se ao nosso país, à nossa cultura e requerem que se nomeie um escritor, um pintor, um músico, um arquiteto, o nome de algum ministro, do presidente da república, o regime político em que vivemos, o nome de um jornal, de uma estação de rádio, uma série de registos que revelem as suas referências. São poucas, muito, muito poucas.

Enfim, arrumo as folhas. Da minha secretária, olho através da janela e, num suspiro fundo, experimento aquela inquietação que todos os professores sentem: a responsabilidade de os tirar deste quase vazio, deste quase nada, desta mundividência que estrangula, que asfixia, em vez de os levar a respirar. Se não formos nós, professores, quem abrirá as janelas?

## Revelação

Quero conhecê-los melhor. Pedi-lhes que escrevessem em três palavras o que pensam do mundo de hoje. No silêncio e recolhimento que esses momentos sempre exigem, pensaram. Recolhi o que escreveram, arrumei e guardei tudo sem olhar. Mais tarde, olhei para o que tinham escrito. Li tudo. Foi quase assustador. Impressionante. Inesperado. Uma realidade brutal.

Doeu-me a alma.

Quase cerca de noventa alunos veem o nosso mundo violento, bárbaro, corrupto, pobre, injusto, faminto, sugado ... um imenso rol de termos com uma carga negativa pesada. Fiquei séria, muito séria.

Sei que vivemos anos de uma crise que se arrasta há demasiado tempo. O nosso mundo civilizado é também, hoje, um mundo violento, em crise económica, social, e de valores. Um mundo difícil.

Deve ser difícil ser jovem, hoje.

A violência existe à escala global numa permanente surpresa e imprevisibilidade. Convive-se com a brutalidade dia após dia. O medo existe. Combate-se, mas existe. A dependência económica ditou as leis da sobrevivência, leis que não se compadecem com uma tradicional visão da família, em que estava bem definido quem tratava de quem e estavam clarificados os tempos da emancipação e da função cuidadora. Hoje, a família está muito desagregada. Sinto que há alguma desorientação. Sem “chão” familiar, novos e velhos convivem numa desordem quanto aos seus papéis parentais. Desorientados, vivem juntos – ou separados - sem rumo nem perspectiva. Coexistem numa partilha da vida e dos problemas. E essa partilha espartilha, apertada; não solta. E os valores, sem estabilidade, tornam-se orientações vagas e referências ocas, esvaziadas de conteúdo e de sentido.

Talvez sejam explicações. Podem ser. Talvez.

Lamento que os nossos jovens não entendam o mundo como belo, como único, como um lugar para conhecerem melhor. Constato que não há lugar para o sonho. E sem sonho, o conhecimento também não ganha estatuto. Para criar asas é fundamental ter o desejo de voar. Para querer saber, é preciso sonhar. E para sonhar, é preciso sermos intensamente chamados a viver.

Sei tudo isto. Será por o saber que acho imperioso conversar com os meus alunos. Agora mais do que nunca. Saber o que pensam, saber o que desejam construir, saber como não querem viver. Depois desta revelação, falaremos mais. Quero sentir que haverá horizontes, que haverá sonhos. Podemos ensinar muito, mesmo muito e estou certa disso. Podemos, ainda,

fazer mais por eles. Mas só quando ensinarmos que o conhecimento assimilado lhes vai permitir voar, é que teremos ensinado verdadeiramente. Eu tenho esperança. Eu sonho.



## Fora do Currículo

Cruzei-me com eles na entrada da escola. Foi uma alegria. Já não são meus alunos. São “os grandes” da escola. Estão no décimo segundo ano. Estão diferentes; muito maiores que eu. Cercaram-me e falaram todos ao mesmo tempo; todos tinham que falar, que dizer. Foi uma barulheira e uma confusão com muitas vozes, risos e abraços. Deu-nos a saudade.

Gostei sempre muito daquela turma.

Eram muitos, trinta, quando os conheci. Humanidades. Alguns foram ficando pelo caminho. Ainda assim, continuaram a ser muitos. Eram muito barulhentos, muito conversadores, muito infantis. Foi o que ficou registado na caracterização que se fez, na primeira reunião de turma. Era muito difícil trabalhar com eles. As minhas aulas eram ao fim da manhã e, a essa hora, eles estavam impossíveis: cheios de fome, agitados, fartos de estarem sentados, não paravam um segundo. Era muito cansativo. Era complicado. Mas... tinha que ser.

Trabalhava muito a leitura de textos e, nesse primeiro ano, nunca foi pacífico conseguir a atenção de todos. A pouco e pouco, muito devagar para o que eu queria, muito, muito lentamente para o que eu desejava, lá fomos indo. Todos: eles e eu. E tudo se foi compondo. A turma não tinha bons resultados. O rendimento era positivo, mas fraco, próximo de uma mediania que nunca chegou propriamente a afirmar-se. Havia alguns que conseguiam classificações um pouco acima dos outros, mas as notas não eram altas. No primeiro ano - o décimo - nunca queriam dar matéria, entenda-se, trabalhar. Queriam conversar - falar, fazer-se ouvir, opinar, falar, falar, falar... Lembro-me de, ironizando, lhes dizer que não deviam estar habituados a ser ouvidos... mas tudo foi indo. Não se preocupavam com as notas; nunca se preocuparam mesmo nada com isso. Bom mesmo, era estarem ali.

Adorava-os. Não sei porquê, não consigo racionalmente explicar, mas adorava-os. Impossíveis; mas gostava deles. Eram “esponjas”. Tudo o que eu dizia ou conversava era absorvido por todos. E depois, havia uma particularidade: em todas as aulas, acabava por surgir, espontaneamente, uma pequena história, algum episódio real que me ocorria, autêntico e verdadeiro, que eu contava a propósito do que estávamos a tratar. Era um momento de maior atenção, de interesse, de curiosidade e todos ouviam como se fosse um assunto muito sério. Por vezes, eram histórias muito breves, pequeníssimas, mas portadoras da tragicomédia simples e da emoção ou riso fácil que a vida real sempre permite. Um dia, já quase no fim do décimo primeiro ano, a propósito da missão da escola, conversámos sobre o que levariam eles consigo quando acabassem o ensino secundário. Foi uma pergunta simples a propósito de qualquer coisa da aula. Fez-se silêncio e, de repente, consciencializámos a solenidade do momento. Estava a chegar ao fim um percurso que já se anunciava no olhar e na atitude. Foram surgindo as opiniões: saber algumas coisas novas (matérias, autores, “coisas”, ...) e numa síntese do que

tinham estado a dizer, concluiu-se que, da escola, levavam “o conhecimento”: saber apreciar um texto, escutar uma música, apreender uma fotografia, contemplar um quadro, entender um filme, observar uma estátua (ficaram muito surpresos quando perceberam que era muito importante olharem-na de ângulos diferentes!) ouvirem, escutarem, disponibilizarem-se “a” ....”. Ficámos todos calados ... Nesse momento, ouviu-se a campainha. Debandaram.

Voltei ao presente. Despedi-me e continuei para a sala de professores, enquanto os via sair para fora da escola. Gostei sempre muito daquela turma. Adorei vê-los. Adorei! Uma geração. Voltei a cabeça e olhei-os de novo. Já tinham saído o portão. Sem querer, comovi-me. Passaram por mim, passaram pela escola. Mas, verdadeiramente importante, foi o eu sentir e reconhecer que também a escola passou por eles.

## **“Não lugar”**

O “não lugar” é um sítio que tem lugar num espaço e num tempo físicos, mas que não assume significado nem relevância para quem lá passa ou vive. Não fica na memória nem como espaço nem como tempo. Não fica. Simplesmente, não fica. Nada.

Referiram-no numa ação de formação em que estive há dias. Lembrei-me como tinha já sido sensível a essa noção. Uma amiga e companheira de muitos percursos tinha-o referenciado há alguns anos na sua tese de mestrado, a propósito do que é a escola para alguns alunos. Recordei essa noção com interesse e tristeza.

Interessada nesse lugar estranho que se entende como “não lugar”, pensei na escola. Pensei nas tantas escolas que foram – e são - meus lugares. Nos meus alunos. Na minha sala de aulas – o coração da escola.

É-me difícil ver a escola como um “não lugar”. Já passei por muitas escolas. Foram muitos os lugares a que me dei. Dediquei a cada um desses lugares o meu tempo, o meu saber e a minha intuição. Vivi esses e nesses lugares. Quando volto a eles, faço-o como se fosse revisitar um tesouro que guardei e que redescubro nos mais simples olhares que, de novo, o espreitam. Fico como que encantada e curiosa a observar os alunos que o povoam naquela altura. Iguais e diferentes dos que foram meus. São sempre alunos. Toca e voltam às salas de aula. Ao coração da escola. Ao “lugar”. A esse povoado cheio de palavras novas e exigentes, cor e sonoridade. Aí, existe mais do que um “lugar”; é todo um universo o que acontece na sala de aula. Mas, se for um lugar, que o seja grande. Onde todos anseiem mundo. É, sabemo-lo bem, onde tudo acontece.

### **Recomeça, se puderes\***

As notas estavam dadas, a ata feita, os anexos prontos, tudo terminado. Fechei o computador, arrumei os cadernos e os livros, saí da reunião. Estas reuniões antes do Natal são muito importantes, porque nos dizem muito sobre os alunos. Dizem-nos muito sobre as famílias que os acompanham (ou não), sobre as suas atitudes e comportamentos nas diversas disciplinas e permitem aos professores uma informação do aproveitamento global de cada um. No fundo, esclarecem-se opiniões e ideias acerca dos alunos que acompanhámos nos últimos meses.

Era a última reunião e lembro-me de sentir que estava, finalmente, em férias. Acabara o primeiro período. Saí da escola. Estava em férias e a alguns dias do Natal. Mas, apesar de não estar em aulas, de não estar em reuniões, de não estar em atividades, a escola permaneceu em mim. Permaneceu e permanece. Pensei, e continuo a pensar, muito sobre o que nas reuniões se referiu ou conversou: a indisciplina, o contexto social, o (des)acompanhamento emocional e afetivo, a falta de sentido e de objetivos que observamos, enfim, o insucesso de tantos e tantos alunos. Na verdade, de muitos deles. E foi nesses que pensei muito. Muito.

São alunos do décimo ano que obtiveram classificações negativas em quase todas as disciplinas. Nestes casos, a exceção é, regra geral, a disciplina de Educação Física. Para alguns, foi até sugerido repensar um percurso vocacional que se adequasse mais ao seu perfil.

São estes alunos que me inquietam. Reconhecendo-me a professora que sou, fico incapaz de os esquecer. Consciente de que nada do que leciono irão aprender, questiono o que aprenderão. Sei que estarão na aula para o resto do ano. Claramente, estes alunos são pessoas que não estão bem, que não estão integradas e que, no insucesso repetido, persistem num desalento e desânimo que ganha cada vez maior consistência. Para quê, porquê, que horizontes? Porque escolhem insistir numa via de ensino que os conduz ao fracasso sem retorno?

Estas inquietações são, também elas, insistentes. Mantêm-se, subsistem, mesmo quando quero afastá-las, dar-me férias, vaguear, respirar. Quem oficia a docência, abraçou um modo de existir para os outros. Tornar o outro Pessoa: eis a missão do docente. Por isso, não se abandonam aqueles de quem cuidamos, mesmo quando as respostas não existem ou não sabemos quais são.

Ontem, no meio de umas compras num centro comercial, encontrei um desses alunos que me perturbam o descanso dos dias. Vagueava solitário e não se surpreendeu quando o abordei. Perguntei-lhe se o Natal tinha sido bom; que “sim, fora”. O que fazia ali, distante de casa? “Nada. Ando por aqui”.

Trocámos mais umas palavras. Despedimo-nos e afastei-me. Inquieta, perturbada, insatisfeita. Sem respostas. Sem nada. Vazia. Mas não os deixo. Não consigo “deixá-los ir”. Farei o que puder. Farei o meu melhor. Recomeçarei.

\*Sísifo

*Recomeça....*

*Se puderes*

*Sem angústia*

*E sem pressa.*

*E os passos que deres,*

*Nesse caminho duro*

*Do futuro*

*Dá-os em liberdade.*

*Enquanto não alcances*

*Não descanses.*

*De nenhum fruto queiras só metade.*

*E, nunca saciado,*

*Vai colhendo ilusões sucessivas no pomar.*

*Sempre a sonhar e vendo*

*O logro da aventura.*

*És homem, não te esqueças!*

*Só é tua a loucura*

*Onde, com lucidez, te reconheças...*

Miguel Torga, Diário XIII.

## Sê

Há tempos fui a um concerto ouvir uma peça de que gosto muito e conheço bem. Ouço-a com prazer e deixa-me sempre aquela sensação de bem-estar, sem fazer quase nada para que isso aconteça. Aprecio esse poder especial das artes e, muito especialmente, da música.

Mas não gostei do concerto. O artista não “estava lá”. Estava o corpo, a técnica, a experiência. Estava o silêncio necessário, tocou, ouviu-se. Mas...ele, não estava lá. O espírito, a inspiração, aquela sensação de transação imaterial de quem “está para o outro”, isso não se revelou. Sentia-se essa ausência. Tocou, bateram-se palmas, agradeceu, fez o que é suposto fazer, foi profissional. Mas não me encantou. Não saí com nada mais do que quando entrei; saí com menos. O talento existiria, mas naquele momento, não se tinha revelado.

Há dias, entre amigos que também lá estiveram, comentei a situação. Também tinham sentido que algo não fluía, não lhes chegara. O comentário de um deles foi “é, quando é assim, não vale a pena; há profissões que exigem que se esteja lá, inteiro”.

Recordo essa situação numa analogia com a profissão docente. Também esta exige “estar completamente”. Nada funciona sem este “estar inteiro”. Quando se está ausente da aula, ela não flui. É dada com rigor, mas sem alma. Todos os que vivem a docência sabem como é quando tal acontece. E sabem, também, como se fica triste.

Esta será uma das mais difíceis especificidades da docência: a exigência de “estar inteiro”. Sendo uma profissão que exige uma técnica e um aperfeiçoamento que se perseguem para além dos anos da formação inicial e, em boa verdade, ao longo de toda a vida, é uma atividade que não se esgota no domínio da técnica, pois impõe outras componentes. E esta, o “estar” na máxima extensão do que a palavra encerra é, sem dúvida, uma das mais difíceis. Existem outras: a insatisfação de quem quer sempre mais e melhor; a criatividade de quem quer gerar algo que deseja que o outro entenda; o concretizar uma abstração a que se dá substância, um saber que vive do quanto se consegue “passar” ao outro. Muitas outras.

Volto à música. Acabo de ouvir o cd com a peça de que tanto gosto. Como sempre, foi um prazer. Não foi como sentir tocarem-na “para nós”, ali, à nossa frente, conseguindo elevá-la a um nível que resulta da união feliz do talento e da mestria. Mas gostei, como sempre.

Já no silêncio, levanto-me e vou arrumar a pasta para a escola. Pego num dos livros de onde cai um marcador que há muitos anos eu e os alunos de um longínquo 12º ano fizemos para marcar a conclusão do seu secundário. E, naquele momento, tudo se conjugou. Nesse marcador – um bocado de cartolina de onde pendem duas fitas azuis –, estava impresso o seguinte poema de Ricardo Reis:

*Para ser grande, sê inteiro: nada*

*Teu exagera ou exclui.*

*Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.*

*Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

Ricardo Reis, Odes 14-2-1933

## **À noite**

Estou a escolher uma crónica para ler com os meus alunos da noite. Já sou professora deles há dois anos, desde que retornaram à escola para concluir o ensino secundário. Este ano tem sido assim. Às quintas feiras, na última aula que temos juntos, levo um texto para todos lermos. Não tem nada a ver com as nossas matérias, não tem nada a ver com a nossa disciplina, não tem nada a ver com... nada. Estou livre para escolher e levar.

São dois minutos, talvez três, no final da última aula da semana. Acabamos de ler e, normalmente, os alunos ficam calados; sinto que ficam a pensar. Às vezes, querem conversar logo, outras vezes, não. Nesse caso, deixamos a conversa para depois, para mais tarde, para um outro momento ou mesmo para uma outra aula.

Começámos a fazer isto por acaso. Um dia, a propósito de viagens e da sua importância – aí sim, num enquadramento disciplinar - comentei que tinha lido uma crónica de um autor português de quem gosto muito e falei-lhes sobre um texto dele. Referi-lhes que o autor é quase da idade de alguns deles. Mostraram curiosidade e levei o texto. Foi bom. Lemos em silêncio, salientámos ideias, escolhemos expressões a que fomos sensíveis, conversámos. Gostaram. Foi muito bom.

Já trabalho há muitos, muitos anos, mas fico sempre muito feliz quando propicio um encantamento, uma revelação aos meus alunos. E, com os alunos adultos, como neste caso, é muito gratificante. A maioria destes alunos está há muito tempo afastada da escola e, mesmo quando assim não é (tenho turmas com idades muito diversas), a atitude que evidenciam é de grande interesse. E, para mim, essa é uma novidade. Turmas inteiras com alunos interessados; com alunos atentos; com alunos que não estão numa agitação permanente, com alunos educados que falam com o professor sem agressividade ou insolência. Verdadeiros alunos. Com eles, sinto-me sempre “muito professora”. Com eles tenho trabalhado muito, pensado muito, aprendido muito. À noite, não tenho manuais de suporte e preciso de procurar recursos para encontrar um “bom exemplo”, o mais adequado para aquela heterogeneidade de idades e saberes com que tento sintonizar-me. Enfim, é preciso construir.

Tem-me sido importante esta experiência. Estes alunos desafiam-me na procura e aplicação do que sei fazer. Não sei se são eles próprios com as suas singularidades, se é a situação, ou mesmo, se são estes momentos nossos; mas fazem-me pensar. E sei que, após tantos e tantos anos de carreira, é curioso e estranho ter uma escola de dia e uma escola de noite. São duas faces do ensinar e do aprender que me interpelam nesta experiência. Fazem-me pensar muito sobre a missão do professor. Talvez seja porque me fazem regressar à humildade da procura, ao confronto com a vida e ao reconhecimento de que sou importante para lhes fazer



notar as subtilezas de um texto. Talvez. Talvez seja porque me fazem sentir que ser professor tem sentido.

## Balanço

À minha frente, na secretária, três turmas de testes em pilhas ordenadas. Estão corrigidos, prontos a ser entregues. Olhei para aqueles papéis que resultam de muito, muito trabalho. Em cima de cada pilha de papéis, está uma folha com muitos números onde figuram as classificações obtidas. Poucas positivas, muitas negativas e, algumas muito baixas. Um aproveitamento fraco. Nem posso dizer que é mediano.

Uma tristeza. Muito triste. Respiro fundo. Estamos no final do ano e esta avaliação transforma-se, também, num balanço do ano.

Folheio alguns testes. 10º ano, Humanidades. Para alguns alunos, uma área que entendem como “terra de ninguém”, assim como um limbo entre os cursos regulares e os percursos profissionais. Uma turma difícil. Cinco alunos desta turma quase nem escreveram na folha de respostas. Está limpinha, sem nada escrito para além do cabeçalho onde se identificam. Não foi só neste teste; fazem-no assim desde o início do ano letivo. Como é possível? Esta interrogação acompanha-me desde setembro. Não consigo compreender. Como conseguiram suportar? Como é que estiveram presentes em tantas e tantas aulas, sem “estar lá”? O que é que se passa? O que é que se passou? Como foi que chegámos aqui?

Estas interrogações foram-me sempre interpelantes e perturbadoras. Sempre me transtornaram. Não consigo entender esta demissão, melhor, negação da aprendizagem, este alheamento do mundo do saber que alguns alunos (muitos, infelizmente!!) assumem. E, contudo, “estão” nas aulas. “Estão”, mas não se interessam por nada. Nada. Toda a variedade de estímulos, todas as estratégias, todas as interpelações ... nada; não reagem. Nem olham. Numa alienação absoluta. Mas “estão” na aula. Perguntei, provoquei, procurei aproximar-me e...nada. Eu e outros professores. Nem respondem. Houve comentários, recados, solicitações, sugestões de outros percursos, os pais foram à escola, os diretores de turma tentaram. Tentaram. Tentaram. Nada. Nada.

Novamente, olhei para as folhas quase limpinhas. Só o nome.

E, contudo, estes alunos permaneceram lá. Ainda lá estão. Na incompreensão que me acompanha perante aqueles olhares vazios que me trespassam, sinto um desentendimento total. A inutilidade presentificada. A negação de tudo: do professor e do aluno. Nada. É o vazio. Absoluto.

É urgente encontrar caminhos.

## **Fim de férias**

Foi ontem que senti aquela luz. Foi à tarde, quando soprou uma aragem mais fresca que me fez levantar a cabeça e os olhos do livro. Olhei para as cores e já não me pareceram tão vivas, tão quentes. Num arrepio leve, muito leve, senti que as férias estavam a acabar.

Há que voltar.

Ansiamos pelas férias. São a rutura na intensa rotina de quem se entrega ao trabalho e criam, em todos, um tempo da paragem, um tempo de vagar. Para os professores, é um tempo em que se arrumam as atividades de todo um ano letivo, se deixam as correções dos exames, se ordenam e fecham os materiais de trabalho. Secretárias, estantes, cadernos e livros assumem posições que ficam “em suspenso” à espera do re-começo. E, talvez seja isso, essa visão estática dos materiais com que trabalhamos diariamente, que nos possibilita a arrumação mental tão necessária a todos os que se reconhecem nesta profissão.

Eu penso muito sobre a escola durante as férias. Não me lembro se foi sempre assim, mas de há uns anos para cá, sei que tem sido assim. Acontece assim. Nos primeiros dias, é sempre aquela sensação de que está tudo ainda presente e não consigo “desligar” do muito que me absorve e absorveu. Depois, a pouco e pouco, subtil e de mansinho, vai emergindo uma certa lentidão. Nessa altura, começa um tempo com tempo. Mais sereno. Posso ler, escutar, observar, em suma, oferecer-me a duração do gosto. Gosto de pensar que as férias trazem as possibilidades. Todas. Posso fazer um sem número de coisas. E faço; mas há momentos em que a escola irrompe e se faz ordem. É que a distância clarifica, objetiva, arruma. A escola está lá, distante, mas presente na duração de alguns dos dias. São situações que vivemos, são palavras ditas, a forma como trabalhámos as matérias, é... a escola. Não estamos na escola, mas a escola está em nós. É assim, para quem lá trabalha. Talvez seja, também assim, para quem mais trabalha com pessoas.

Mas o tempo vai passando, menos lento do que desejaria. E neste nosso mundo de hoje, o tempo tem uma duração diferente. Os acontecimentos rasgam os dias. São incêndios cuja intensidade apavora, atentados violentos que fazem questionar a racionalidade dos Homens, tempestades telúricas em que reconhecemos a alteridade do clima, ...

Mas ainda há tempo. Posso fazer um sem número de coisas. O que escolho? Quero um descanso que me ajude a entender melhor este mundo.

Mas ontem, senti que as férias estavam a acabar. Há que voltar.

## Da magia

Entrei no café e vi-o logo. Tudo o resto ficou suspenso. Sentei-me sem pensar muito bem onde, foi logo ali, na mesa mais próxima. Sábado à tarde, três mesas ocupadas e uma série delas vazias. Normal. Quantos anos terão passado? Trinta? Mais... já foi ainda há mais tempo.

Pedi o que queria e escondi-me a observá-lo.

Muito, muito velhinho, o cabelo – o mesmo corte invulgar - mais ralo e mais branco, óculos muito parecidos com os que usava na época, os mesmos gestos, ... A cabeça que se eleva para que os olhos leiam, o voltar das páginas com as mãos sapudas (tão enrugadas!), o estojo aberto com as canetas de várias cores, ... o meu professor. Foi meu professor.

Quando reencontro os meus alunos, eu sou sempre a professora e eles são, sempre, os meus alunos. Os alunos lembram-se de inúmeras coisas que foram importantes, na época em que fomos “os professores” e eles “os alunos”. Recordam situações e episódios que, nessa altura, não nos pareceram tão singulares nem tão significativos. Isso surpreende-nos, mas é pacífico. Nada se altera com essas recordações, é mesmo assim, cada momento tem um registo diferente e aceitamos, sem sobressalto, essa nova leitura do que foram as “nossas” aulas. Compreendemos, uma vez mais, que o universo do aluno não é o universo do professor. Encontram-se e conjugam-se ali, naquele momento mágico que acontece em tantas aulas, mas cada uma das pessoas é toda uma vida diferente. São mundos que se cruzam, mas não são os mesmos. Por isso, esses reencontros fazem-nos reconhecer quão importante é essa proximidade, essa magia que por vezes acontece. Tomamos verdadeira consciência que “na relação” reside a essência da aula.

Naquele momento, senti-me, também eu, nesse momento mágico. Regressei – agora já professora - à condição de aluna. Lembrei-me de muitas e muitas das suas aulas. Na altura, pouco depois do início da faculdade, aquelas aulas eram um fascínio. Não havia uma razão especial. A maioria dos conteúdos era novidade, é certo; mas não era isso. Eram os esquemas no quadro, com aquela letra quase indecifrável e aquelas setas que nos surgiam como uma alucinação; tirar apontamentos era muito, muito difícil. O anfiteatro cheio e ele, entusiasmado com o que nos estava a “passar”, punha os óculos na testa e esquecia-se do tempo e do espaço. Pensava e discorria. Aquelas aulas eram “ele”, na sua aparência única e estilo próprio. Eram as “suas” aulas.

Curiosa e enlevada, recordei alguns dos momentos mágicos. Tomei o meu café. Encantada. Lá estava ele. Lia umas folhas agrupadas que pareciam ser um trabalho em correção. Vi-o sublinhar e fazer anotações. Às vezes, levantava os óculos e deixava o olhar passear pela sala. A certa altura, de um saco pousado na cadeira ao lado, tirou um pequeno livro que olhou

com atenção. Abriu-o e começou a lê-lo. Por vezes, regressava às folhas onde escrevia mais qualquer coisa. Absorto, nada mais ali parecia existir. E não existia mesmo.

Hesitei em ir ao seu encontro, mas contive-me. Ele estava a estudar, a continuar a ser professor.

Comovida, regressei à magia de uma aula dada há trinta e muitos anos. Um professor estuda, aprende, ensina. Foi suficiente – e maravilhoso - regressar àquela magia. Sem saber porquê, senti-me inspirada. Para começar um novo ano. E já comecei.

## **Abraço**

Quando soube que se iam embora, senti-os logo muito tristes. Foi antes de começarem as aulas, num dia em que fui à escola reunir com colegas. Encontrei-os a saírem, perto do portão, de mão dadas. Antes de me cumprimentarem, ela disse logo: “professora, nós vamos embora”.

Acho que percebi logo, mas devo ter querido recusar a notícia. “Olá, viva! Então as férias? Foram boas? E vão para onde?”

Disseram-me: ela ia para França, ele regressaria ao seu Brasil. Em outubro iria ela, em novembro, ele.

Quis saber mais. Fiquei ali a ouvi-la dizer porquê (os pais tinham arranjado trabalho ambos, tinham lá família, aqui estava muito difícil, iam todos, ela, uma irmã e o irmão, mas este ainda ficava a concluir um curso profissional, uma vez que estava já no último ano). Ele, mais reservado, disse que acompanharia o pai no regresso ao país. Foi assim. Ouvi. Não disse grande coisa, eles saíram e eu entrei na escola.

Mais tarde, no reencontro do começo das aulas, perguntei-lhe se ela havia ponderado a hipótese de fazer e acabar cá o ano letivo. “Não. Já estava decidido, pois, como seria necessário aprender uma língua nova, mais valia mudar agora e acabar o secundário já lá. Estando a meio do ciclo, ainda poderia fazer os dois anos com melhores resultados do que ir fazer só o último!” Ouvi e acenei com a cabeça. “Pois, pois é”, ouvi-me dizer.

No início, ainda foram ambos às aulas. A partir de certa altura, só ela. A escola foi correndo e o dia em que iria embora foi-se aproximando. Trabalhou sempre como se não houvesse aquele fim. Consciente de que iria para um novo mundo, este era, ainda, o seu. Exemplar, nada parecia não ter sentido. Empenhada, atenta, trabalhadora, foi só a partir do início deste último mês que comecei a sentir-lhe um vazio, uma angústia que se notava no olhar e num maior silêncio que se ouvia na aula. Ainda lhe perguntei mais uma ou outra coisa sobre esta viagem que, com certeza, a enchia de sentimentos contraditórios. Por um lado, a expectativa de uma vida que se deseja melhor, outras possibilidades, novos espaços, um novo rumo. Por outro lado, o adeus a tudo o que aqui fica, a mudança de mundo, da vida aqui.

Não falei muito. O silêncio entre nós também se fez sentir. Sem nada mais para dizer-lhe, queria enchê-la de esperança, dizer-lhe que este futuro iria ser o tempo que um dia, lá mais para a frente, já seria o futuro passado e, verdadeiramente, dizer-lhe que este presente, nessa altura, já não seria o de hoje. Não sei se o meu silêncio conseguiu transmitir isso, mas era o que eu desejava.

Outubro estava a chegar ao fim. Aproximava-se a partida. Os colegas da turma fizeram-lhe uma festa, despediram-se com as promessas que sempre se fazem, quando a distância se impõe a separar os que se gostam. As lágrimas chegaram. Na vontade de lhe deixar qualquer

coisa que perpetuasse a relação com este nosso mundo, com o ar que respirámos juntos naquela sala, com o que ali conversámos, com o que ali ensinei e se aprendeu, ofereci-lhe um pequeníssimo presente, um conjunto de marcadores de livros, aos quais acrescentei um, feito à sua medida. Nele, uma frase simples e clara - um poema em poucas palavras - uma frase de um autor português encerrava este capítulo de uma vida que se quer grande: “Eu tenho um lugar. Por isso, nunca me perco no mundo imenso.\*”

Abraçámo-nos e ela foi.

*\*O meu lugar* José Luís Peixoto, in revista Visão (agosto, 2013)

## Do Dever

Comecei a mexer-me na cadeira. O filme era sério, histórico, cenário da segunda Grande Guerra. Sessão da tarde, cerca de vinte a trinta pessoas na sala. Irritada, não conseguia estar concentrada no filme. Na fila atrás de mim, uns miúdos comiam pipocas e falavam, falavam e riam-se alto com gargalhadas. Já a meio da primeira parte, um casal sentado na fila à minha frente olhou para trás e disse “chiu”. Fiz o mesmo. O senhor ainda acrescentou “queremos ver o filme”. Em vão. Após um breve silêncio, a situação continuou. Chegou o intervalo. Acenderam-se as luzes.

Olhei para eles. Eram quatro. Bom aspeto, andariam pelo oitavo ou nono ano. Um deles seria talvez mais velho. O casal, sentado à minha frente, virou-se para trás e o senhor dirigiu-se aos miúdos. “Que não tornem a voar pipocas para aqui!” disse num tom algo intimidatório. Riram-se. Na fila em que estava sentada, levantei-me e dei dois passos em direção aos quatro. Enquanto o fazia, a senhora da fila da frente perguntou-lhes “você não sabem estar num cinema?”. Olhei de novo para eles e disse-lhes “também quero ver o filme e não se estão a comportar devidamente. O que estão a fazer envergonha-vos, aos vossos pais e à vossa escola; andam na escola, não andam? Não são uns meninos de rua que não sabem como se comportar, pois não? Que vergonha!”

E parei para os observar. Baixaram os olhos. Um respondeu: “não olhe para mim que não fui só eu!” Retorqui “sabem bem quem foi! Saibam comportar-se!”. Os senhores da frente apoiaram-me na crítica, e saí para o intervalo.

Todos na sala estávamos incomodados, mas mais ninguém disse nada. Talvez não tivesse havido tempo e oportunidade para que isso acontecesse, quero pensar que foi isso. Porque, se não foi, isto é mais grave do que inicialmente pensei. A demissão de uma educação social só pode ser reveladora desta má educação que muitos, mesmo muitos dos nossos alunos apresentam. Ouviram-me. Porque soube como falar com eles e porque, sendo professora, a situação me foi familiar. Estava investida daquela autoridade que a docência confere e, mais ainda, porque me sustentei na razão do que dizia. Mas fiquei triste.

Esta demissão da cidadania ativa, do envolvimento na educação dos nossos jovens, este “fazer de conta” é o que está a acontecer, não apenas, nas salas de cinema, mas como se constata, em casa de muitas famílias que não intervêm quando devem. Educar é uma obrigação de todos nós. Em família, por princípio e, socialmente, por dever para com todos. Se não entendermos assim, algo de profundamente errado está a acontecer-nos. Se é muito pouco o tempo da educação familiar, que o seja de qualidade. Esta dará os seus frutos. Não queiram os pais demitir-se desse papel, nem os professores deixar de intervir quando devem. O respeito



não se compadece; perde-se. Sabemo-lo bem. Perde-se perante nós próprios e perante os outros.

Regressei à sala. Sentei-me. Apagaram-se as luzes e o filme recomeçou. Em paz e sossego. Talvez tenham aprendido qualquer coisa. Sobre a época, a figura histórica do filme ou, talvez, talvez, mais qualquer outra coisa.

## **A percepção**

Encontrámo-nos no supermercado. Veio ele ter comigo. Um homem. Rimo-nos e cumprimentámo-nos com a familiaridade de quem, em conjunto, viveu um certo tempo. Já foi há quanto??? Dez anos???? Foi meu aluno nos últimos três anos do secundário. Uma turma quase só de rapazes, três raparigas lá pelo meio. Adorava-os. Eram alunos muito vivos, um ambiente muito são, muito boas pessoas, muito bem formadas, muito desporto, muita amizade, muita curiosidade por tudo.

Conversámos um pouco. Faculdade terminada, trabalho um pouco depois, ele já a viver com a namorada, enfim...a vida a correr. Falou-me dos outros amigos. De repente, no momento em que nos olhámos entre sorrisos, disse-me: “há dias estive com o Vasco e, nem sei como, falámos daquela aula em que nos tapou os olhos...”. Sorri. Lembrei-me logo. E lembrei-me de tudo, como se tivesse sido ontem.

Queria que compreendessem a percepção. Conhecendo-os há tanto tempo, perguntei se estariam dispostos a uma aula diferente. Estavam. Preparei-a. Precisava de ajuda e falei com uma colega-amiga que se disponibilizou para tal. Foi muito, muito bom. Muito engraçado. Funcionou. Tivemos uma aula em que todos estiveram com os olhos vendados. Muitos risos, muitas gargalhadas, muitas experiências novas, muito entusiasmo, muita aprendizagem. Para todos. Aprendi muito, eu também. Foi bom, foi muito intenso e muito estranho para todos nós.

Conversámos ainda sobre aquela aula alguns minutos. “Que ficou na memória”, que “a partir daí deu imenso valor aos sentidos”, “como é que uma coisa tão simples nos fez pensar” e mais alguns comentários deste género.

Fiquei contente, como qualquer professor ficaria. Por tudo. Pelo encontro, pela distância da situação e por me fazer recordar um momento feliz. Pela lembrança dessa cumplicidade na colaboração da minha colega-amiga e, sobretudo, pela recordação do que todos, em conjunto, pudemos ter a oportunidade de fazer. O entusiasmo e a felicidade de uma aula que surgiu assim, espontânea e cheia de sentido. Uma aula que nos ficou na memória. Com a colaboração de tantos... Sem exposição perante uma tutela. Feita só por nós e só para nós.

Separámo-nos com mais um sorriso e boa disposição. Ele não o soube, mas eu, eu senti-me inspirada. É que os alunos só são nossos uma vez. E é maravilhoso quando conseguimos que “essa vez” seja “para sempre”.

## Os músicos

Foi uma agitação. Chegaram várias mensagens. Todos os que viram fizeram chegar a notícia: ele ia aparecer a cantar num concurso na televisão, nessa mesma noite!

Já não é nosso aluno, já está no ensino superior, mas como frequentemente acontece com a grande maioria dos professores, aqueles que foram nossos alunos são-no para sempre.

Não foi assim há tanto tempo e as memórias estão muito presentes. Conheci-o quando ele ainda só estava no sétimo ano. Por ocasião de um sarau da escola, num sábado à tarde, pertenci a um júri para a escolha de alguns dos números. Já no final da tarde, assisti à atuação de uma banda em que ele era o vocalista. Eram todos do mesmo ano. Muito engraçados e vivos, animaram o momento. Estávamos apenas seis professores a assistir, mas era como se estivessem a atuar para uma multidão. No final da apresentação, recordo um momento que me encantou. Num quase profissionalismo que achei inesperado em miúdos daquela idade e tamanho, ele apresentou os companheiros: “na bateria...”, “na guitarra, ...” e não pude deixar de rir com a situação.

Foi o primeiro de uma série de encontros e laços que se estabeleceram entre todos nós. Já no secundário, fui professora de vários desses “músicos” e, enquanto membro da equipa organizadora dos saraus pude, ao longo de vários anos, conhecê-los em dimensões muito diferentes daquela que uma sala de aula nos dá.

Quando um professor se disponibiliza a dar-se a outras dimensões do ensinar e do aprender, fica muito, muito mais rico. Abrem-se portas ao Outro, abrem-se outros olhos para os alunos. Eles individualizam-se, ganham contornos mais definidos, mais completos, mais intensos, enfim, outra cor. Tornam-se diferentes, passam a existir para nós com outra consistência. É uma revelação.

Agora, ao fim de tantos anos de escola, não me lembro bem de quando comecei a envolver-me em atividades que me permitiram essas experiências; mas é curioso, lembro-me bem dos alunos e dos colegas com quem elas aconteceram. São momentos que nos marcam a todos. É uma outra parte da vida da escola. É, na verdade, uma escola de vida. Tem outro conteúdo, uma outra riqueza humana que nenhum conhecimento disciplinar consegue transmitir. Só a vivência.

Ainda bem que me ofereci essa disposição para ir para além de alguns metros quadrados de sala de aula. Ainda bem que os conheci para além desse espaço finito, limitado, escasso. Ainda bem que pude conhecer os meus alunos nos seus talentos, nas suas outras expressões, noutras potencialidades - essas que me fazem olhar para eles de uma forma diferente. É que, também essa vivência me torna uma professora diferente.

Por isso, quando me sentei para o ver atuar, fi-lo com um orgulho silencioso, num respeito por quem o viu tornar-se no que é hoje. E, quando emergiram as memórias desse tempo rico, pleno, cheio de momentos vivos, senti aquela lufada fresca e doce que um professor pode sentir. Também nós, os professores, estamos ali. Também nós, os professores, ficamos felizes. Por eles, pelo que lhes pudemos dar.

## Ser professor dentro da sala de aula

### Do poder pedagógico

Perpassou pela aula uma certa melancolia. Quase no final do ano letivo, sou sempre mais sensível a esse sentimento. Não sei porquê; é assim. Talvez porque o conhecimento mútuo entre mim e os alunos seja mais fluido, mais leve, talvez corra mais solto e livre do que antes. A confiança é maior e faz acontecer mais essa circunstância. Também temos a consciência de que o percurso está a chegar ao fim. Invade-nos a todos, silenciosamente, aquela suave nostalgia de quem vai ter saudades nem sabe bem de quê, mas vai. E vai mesmo.

Adoro estes alunos. São bons alunos. Gostam das aulas. Gostam uns dos outros. Gostam de vir para a aula fazer coisas. Gostam de vir conversar. Às vezes, surpreendo-me com a realidade de podermos fazer isso. Acho que conversamos imenso. Ainda assim, menos do que me parece necessário, mas conversamos. Falamos de muitas coisas. Como as cerejas em que se tira uma e vêm atrás outras e outras. Gosto de conversar e esse gosto - aparentemente tão pouco próximo de uma aula - acentua-se-me com a idade e a experiência. Falo menos, mas converso mais. Descobri, muitas vezes por intuições extemporâneas, que é possível fazer aprender quando se conversa. Quando se ouvem e partilham experiências, talentos, memórias, conhecimentos. Sobre o conteúdo da aula, claro, mas também sobre outras realidades. Muitas vezes, são essas realidades que conseguem fazer sentido para o que é preciso fazer aprender. E esse domínio da narrativa é um poder do professor.

Escolher conversar, eis um imenso poder pedagógico. É todo um mundo que se apresenta ao professor e ao aluno. Fazer acontecer uma aula nessa conversa. Numa aula em que se conversa, um professor é, simultaneamente, um privilégio e um privilegiado. É um privilégio para os alunos que podem fruir da sua presença, da sua existência e do seu saber. É um privilegiado porque, ao orquestrar uma aula, pode fazer tocar os instrumentos que melhor resultam para a sonoridade que pretende. Ele é quem sabe onde quer - e pode - fazer os outros chegar. E sabe também, se os conhecer bem, até onde poderão ir. Há sempre uma dose de incerteza; há. Mas o risco, calculado, pode bem valer a pena.

Não desisto de conversar com eles. Aprendo sempre imenso. Falam do que fazem (ou não fazem); do que gostam (ou não), do que sentem, sobretudo quando já estão mais à vontade. Fazem-me sentir o mundo através do que contam e do que discutem. Fazem-me ver o mundo através deles, e isso permite-me compreendê-los melhor. Os nossos alunos são - descobri-o não há muito -, sinceros. As palavras não estão ainda sujeitas ao crivo da razão controlada, dizem "o que lhes sai" sem filtros nem medo. Quando os ouço, é-me mais simples ajudar a construir o

conhecimento. Quando os oiço, consigo que a aula aconteça mais facilmente. E, quando conversamos, os verbos falar, ler, expor, dizer, propor, desenhar, mostrar, demonstrar, sugerir... surgem quase sem rodeios ou imposições. E depois, deixo-os ir. Com silenciosa nostalgia.

## Perguntar

Os alunos estão a fazer o último teste do 11º ano. O silêncio é quase constantemente interrompido por fungadelas e espirros. Os lenços andam de carteira em carteira. Dir-se-ia que temos uma juventude alérgica.

Conheço-os há dois anos. Somos professora e alunos desde há dois anos. Ensinei tudo o que pude, cumpri o programa, fiz aquilo que era suposto. Mas, ainda assim, o silêncio é, frequentemente, interrompido com perguntas. As mesmas de sempre. Aquelas perguntas que me soam sem sentido, mas já não me surpreendem. Que me mostram que o que fiz foi, ainda, muito pouco. As perguntas ao longo do teste continuam, uma repetição das mesmas que já fizeram ao longo das aulas e a que fui, tantas e tantas e tantas vezes, respondendo.

*O que significa “objeção”?*

*O que quer dizer “não obstante”?*

*“Refutar” ... é o mesmo que “contradizer”?*

*O que significa “demarcar”?*

*“Plausível” é o mesmo que “verosímil”, pois é?*

*“Critério”, o que é mesmo que quer dizer?*

*“Prenúncio”, o que é que é?*

Este tipo de perguntas incomoda-me e deixa-me muito inquieta, mas já há muito que deixou de me surpreender. Os nossos jovens alunos têm, na sua larga maioria, uma ausência confrangedora de vocabulário. Esta lacuna, muito grave a meu ver, coloca-me outro tipo de questões. Será que *entenderam* (ou entendem) o que tentei que aprendessem? Com perguntas tão primárias e com nível tão básico, terão chegado a *compreender* o que quis ensinar? Esse vocabulário parece-me essencial a uma comunicação-compreensão de quase tudo desde a escola primária (por isso o vejo como primário) e surpreende-me a sua ausência. Mas, questiono-me: esta ausência permite a compreensão? Perceberão o que leem, o que ouvem? O que trabalhamos diariamente? O que lemos nas aulas? Fora das aulas? De tudo, o que fica?

Nas respostas às questões colocadas no teste, escrevem o que decoraram ou papagueiam muitos conceitos-chave. Chega para a positiva. Quase só isso. Muitas vezes ficam sem compreender muito bem porque é que aquela resposta não está correta. “Professora, eu disse tudo!”: “disse”, respondo; mas depois de dizer “tudo”, escreve uma frase que torna o que escreveu incoerente! Fico sempre muito triste quando reconheço esse vazio lexical que revela, numa completa nudez, um vazio semântico. Não sei como se chega a um ciclo final de ensino com esse deserto, com esse despovoado de sentido. É no processo que alguma coisa falha. Falhamos nós, professores? É o currículo? É... ????

Perde-se muito ao não conhecer as palavras. Perde-se mesmo muito. É todo o mundo que é mais pequeno. “Quanto mais palavras conheço, maior é o meu mundo”... Mas quem não as conhece, julgo que nunca terá essa consciência. E, quem deveria ter essa consciência, não se confronta com esta realidade.



## **Livre versus Escravo**

Não estávamos muitos. Um filme sério, cerca de quarenta alunos, cinco professoras. Eles, em aula. Nós, por um projeto. Auditório, escuridão, som. Cinema.

Teria sido cinema, se os alunos tivessem a noção de que é uma atividade em que devem estar noventa minutos calados. Mas os nossos alunos, hoje, não sabem estar calados.

Seguiu-se um debate. Ou seria essa a nossa ideia. Havíamos pensado, trabalhado, preparado e estávamos ali para isso mesmo. Mas aprender é duro! E, não há dúvida, é só para os que querem. Quantos o quereriam?

Foram poucos.

Alguns tentaram inscrever-se e implicar-se na ação. Ouvimos algumas opiniões. Ainda bem. Mas, rapidamente, agitados, lá saíram para a rua, para fora da escola, para a “liberdade”.

Quando saíram em bando, no meio de muito barulho, ficámos as cinco a trocar algumas palavras. Pouco havia a dizer. Todas sentimos que tinha sido boa a nossa escolha. Mas ficámos tristes. Soube a pouco. Queríamos mais. Às vezes, custa. Custa mesmo. Remar contra a maré é, também, uma missão dos professores. Aprenderam qualquer coisa, sim, sentimos que sim. Ficou alguma coisa. Ficou. Mas muito pouco para o que desejávamos.

A caminho de casa, enquanto guiava, fiz - como tem sido sempre na minha já longa vida de professora - uma análise da tarde. Revi o interesse que existiu, os (muito poucos) silêncios, o barulho quase permanente das conversas, os comentários que se fizeram, enfim “a atividade”. Fechei o assunto.

Mas, como se a memória teimasse em permanecer viva, ecoaram-me as palavras de uma colega que, a propósito de uma cena do filme que os havia impressionado (pelo menos a alguns!) referiu que “aqueles homens estavam numa situação de quase escravatura. E nós, ao estarmos aqui, na escola, o que queremos é que nenhum de vós algum dia seja escravo! Nunca! Aprender é uma forma de liberdade.”

Ouviram. Entrou-lhes.

Aprender é uma forma de liberdade. Para eles - os nossos alunos - e também para nós, que contribuímos para a sua libertação. Mesmo sem que eles o saibam, reconheçam ou valorizem. Talvez seja por isso que é tão difícil. É difícil. Há momentos em que é mesmo muito difícil. É o remar contra a maré.

## Do sorriso

Há dias, a diretora de uma das minhas turmas enviou um email no qual pedia aos professores informação específica sobre uma aluna. É uma situação frequente que as tecnologias agilizam. Os professores responderam e as respostas são visíveis para todos. Além das informações, uma das professoras escreveu que, na última aula, a aluna parecera ter estado a chorar. Acrescentou que tinha falado com ela no final da aula e que o choro estaria relacionado com problemas familiares.

Gosto daquela turma, mas fico exausta quando trabalho com ela. Tem um aproveitamento fraquíssimo, um nível socioeconómico baixo, disfunções familiares acentuadas, enfim, um contexto pouco favorável a que existam motivos de grande entusiasmo e alegria. O comportamento é “insatisfatório”. Foi como o classificámos na última reunião. Alguns de nós redigiram mesmo pequenos textos, onde se esclareciam as dificuldades de trabalho que enfrentamos com aqueles alunos. É difícil. É muito, muito cansativo.

Ontem, dei as aulas sempre com o pensamento naquela turma. E dei-lhes aula.

Quando entro naquela sala, tenho que respirar fundo e pensar em algumas coisas em que acredito profundamente. Tenho que pensar que tenho que fazer com que saiam com mais do que quando entraram, que preciso que me ouçam, que me escutem, que consigam ver para além da aula que é dada entre quatro paredes e uma grande janela. Tem sido sempre assim. Estão melhor. Estão. Até quase ao fim do primeiro período, eu “não dava” aula; durante o tempo em que estava na sala, eu tinha “momentos” de aula. Agora, sim, estão melhor, pois sinto que já consigo dar-lhes aula. Já consigo que me deem atenção. Algumas vezes. Mas não trabalham. Sentem que estão na escola porque têm que estar. Estão obrigados. Não gostam. Acham tudo errado: a quantidade e duração das aulas, as matérias a que não reconhecem qualquer interesse prático, os manuais, a cantina, o bar, o ginásio, os balneários ... tudo mau, nada é bom. Nada. Nada.

Dei-lhes a aula. Estavam a passar para o caderno um esquema que construíramos no quadro e quase conseguiram estar todos calados alguns segundos. Olhei muito para “aquela” aluna. Agitada, ia conversando com a colega ao lado. Riu-se abertamente e olhou para cima, para mim. “Está a olhar muito para mim, professora!” “Estou”, respondi. Riu-se. Eu também. E lá foram fazendo o que eu havia pensado ser o melhor para eles.

Agora, na solidão da reflexão escrita, sorri e suspirei. Creio que olhei para todos eles de novo. Estes sorrisos e suspiros são o mistério da docência.

## Primavera

Foi ao início da tarde. Depois de uma manhã inteira de aulas e almoço na escola, o meu 10º ano estava agitadoíssimo. Os alunos falavam muito alto, todos de pé, ao mesmo tempo, numa barulheira pouco convidativa à calma que os conteúdos para a aula exigiam. Era o dia seguinte à chegada da Primavera que, este ano, se anunciou fria e chuvosa.

Fui arrumando a secretária na esperança que acalmassem e que alguma tranquilidade permitisse começarmos. Abri o meu caderno, o livro, o computador, preparei tudo, mas a agitação continuava.

“Então, vamos começar?”

“É primavera, professora! Queríamos era ir lá para fora, com bom tempo! A semana passada estive tão bom!”

Pensei que seria bom, mas o dia não convidava a tal. A custo, lá se foram sentando, preparando-se para trabalhar.

Fui observando os gestos rotineiros e resignados. Adivinhava-se uma aula longa, teórica e exigente que tinha que ser dada. Maçadora. De repente, mudei de ideias. Acontece-me às vezes – e acontece a muitos professores – ter que tomar decisões que mudam o curso de uma aula que foi preparada para seguir em determinada direção e, por um acaso, muda de rumo. É um comentário inesperado, uma referência casual, mas algo a faz mudar de sentido. Foi assim.

Perguntei-lhes se conheciam a música que mais frequentemente se associa à Primavera. Não, não estavam a ver qual era. E eu, feliz por viver e dar aulas num século em que tenho uma caixa mágica em cima de uma secretária e uma série de apetrechos que lhe estão ligados, pulos, quase imediatamente, a ouvir o primeiro andamento das Quatro Estações de Vivaldi - a Primavera.

De repente, emudeceram. Direitos nas cadeiras, claramente surpresos, escutaram. Três minutos de música em silêncio absoluto e atenção plena. Quando a música acabou, olharam para mim. Escutaram o que lhes disse sobre a peça muito atentos. Alguns haviam reconhecido os sons e a melodia muito frequente em publicidade ou numa outra situação que referiram. Enquadrámos brevemente o autor e a obra e ainda escutámos mais um ou outro pormenor que exigiu a repetição da música. Curiosos e interessados, foram sensíveis às subtilezas daquela expressão artística. No meio da conversa que se abriu, surgiram imensos comentários que revelavam a curiosidade de quase todos. Explorou-se a situação, ainda ouvimos o Outono e o Inverno, falámos um pouco e “perdemos” quase meia hora de aula. Quando entendi ser tempo de continuar, redirecionei-nos para o que tinha planeado. Estavam muito mais calmos e pude trabalhar quase tudo o que tinha preparado. Sabia que o tempo não era elástico e não seria possível “dar” tudo; mas, ainda assim, “dei” muito. Há mais aulas!

E o início da Primavera foi ali. Ganhámos. Deleitámo-nos na aula em que entraram impossíveis.

## **Na primeira pessoa**

Daqui a dias comemora-se o 25 de abril. No ano passado, alguns dos meus alunos de humanidades, realizaram atividades que assinalaram essa data. Nessa altura, falei-me sobre esse dia e se eu me lembrava de como tinha sido.

Sabemos que o conhecimento da História que os adolescentes possuem nem sempre está sincronizado com a sua cronologia; por isso, às vezes, a pergunta, se eu me lembro desse dia distante, não me surpreende. Surpreende-os a resposta: “sim, lembro-me bem desse dia e de alguns dos dias seguintes”. “A sério?” Perguntam. “Sim, é verdade”. E conto-lhes como vivi o meu 25 de abril.

Foram já muitas as vezes que contei a mesma história aos meus alunos. Ficam interessados, atentos, fazem muitas perguntas. Querem saber coisas simples e curiosas, como, por exemplo: se houve aulas, se a agitação foi só nesse dia, se vi militares nas ruas, se vi muitas pessoas a gritar “liberdade”, se todas as pessoas saíram de casa com os cravos, se estes eram mesmo a sério ou de plástico, coisas que são uma mistura de imagens históricas e de um imaginário épico sobre um momento que a História lhes conta. Não me é difícil falar-lhes desses dias. Para quem o viveu – ainda muito jovem, mas com consciência de que algo sério estava a acontecer – acaba, mesmo, por ser um gosto. É um diálogo intenso, uma aula viva legitimada pela força de um testemunho feito na primeira pessoa.

Quase sempre acabam por perguntar o que mais me impressionou nesse(s) dia(s). Nesse momento, sinto, então, que lhes vou dizer algo que vai marcar essa nossa conversa e, sempre em verdade, conto-lhes que fiquei muito impressionada quando, em direto, na televisão, vi a libertação de pessoas que estavam presas numa prisão perto de Lisboa. Ficam sérios e acrescento que, na altura, não tinha bem a noção do que representava essa situação, esse acontecimento; mas impressionou-me a reação da minha mãe que, de pé, calada, em frente ao écran, se deixou chorar.

A propósito desse dia que será feriado, recordei os momentos vividos no ano passado. Lembrei-me de como acabou assim a nossa conversa e a aula prosseguiu. Provavelmente, foi impressão minha, mas achei que a aula continuou mais séria, mais grave. Sentiram que aconteceu. Às vezes, é assim. É preciso fazê-los “entrar e viver” a História para que, verdadeiramente, ela ganhe pleno sentido.

## **A Paz**

O Papa vem a Portugal. Um acontecimento com esta dimensão origina sempre um entusiasmo grande que também se verificou entre os meus alunos. Nestes dias, falavam muito sobre esta visita e conversámos um pouco sobre este assunto.

Senti que, independentemente de um ideário religioso, o Papa Francisco é um homem querido de todos.

Conversámos sobre a religião e o papel que deverá ter uma vivência espiritual nos homens. Deixei-os falar; acho sempre que os alunos precisam de pensar, ouvindo-se e construindo as suas frases na conversa que flui sem hora marcada. Foi assim, uma conversa muito simples. Foi assim, a deixarem-se dizer o que pensam.

Senti logo que falámos de coisas tão importantes! Falámos sobre a dignidade e o respeito, sobre a humildade e a singeleza, sobre a humanidade e a compaixão e, ainda, outras qualidades que elevam a humanidade. Servir o Outro exige que nos encontremos. E, num mundo que está tão marcado pela violência, pela tragédia e pelo desgosto, poder partilhar momentos de encontro que encham os meus alunos de entusiasmo, numa Paz com sabor a festa, foi um momento único.

Falámos todos, com tempo e sem pressa. E, a certa altura, ficámos todos calados. Nesse momento, senti que estavam bem. Quebrando o silêncio, disse-lhes: “gostei muito da nossa conversa. Vão; bom fim de semana!”.

Também eu estava bem. Não é só nas aulas que se ensina o Bem, o Bom e o Belo. Também as palavras simples nos ajudam a compreender o sentido do Outro e, verdadeiramente, o que devemos entender por “Servir”.

## Os clássicos

Tinham acabado a leitura do texto. Um clássico, daqueles de onde emerge a essência. Era um diálogo, tinham lido em voz alta e tinham-no feito a duas vozes. Só as duas vozes se ouviam e todos tinham seguido pelo livro.

Propositadamente, prolonguei o silêncio que se seguiu.

Às vezes, acontece-me este encantamento. Pode não ser apenas com este texto, acontece-me com outros, mas acontece-me. Não é frequente, é raro, mas acontece. Venero o silêncio revelador da apreensão do sentido de uma leitura. E este silêncio estendi-o, ainda mais. Por fim, quebrei-o. Conversámos.

Os clássicos são assim. Permitem sempre variadas leituras. Interpretações da juventude que, quando os descobre, fica sedenta. Foi assim que os senti. Sedentos.

Fui para o quadro. Quadro ainda branco, marcador negro na mão, prontos para explorar o texto. Tópicos, ideias-chave, expressões singulares, síntese. Pedi-lhes que revissem o que tinham escrito no caderno, que vissem se tinham dúvidas, se tinham compreendido. Silêncio. À medida que levantavam os olhos, algum ruído. As cabeças abanavam e trocavam-se palavras simples. Sim, tinham compreendido.

É raro, isto: conseguir a consonância entre um bom texto, alunos e professor. Conseguir a sintonia que faz acontecer o sentido. Conseguir que as palavras ecoem dentro de todos ao mesmo tempo. Numa era em que não há espaço e tempo para ler, para ouvir ler, para ler, ouvir e pensar, isto é um acontecimento. Daí, o silêncio. O silêncio que se estendeu entre todos nós.

Enquanto arrumava a pasta, já sozinha, olhei para a minha secretária e vi o computador com os slides da apresentação alinhados. Estava tudo ali: a gravação do texto, os esquemas coloridos, os tópicos direitinhos, as letras em realce e muitos sublinhados. Mas, às vezes, acontece assim. Temos tudo e resolvemos fazer diferente - só nós, eles, o texto e o quadro. E quando funciona, é maravilhoso. É *uma aula*. É o sentido. Não é preciso mais.

Para um professor, é tudo.

## **Do saber**

Tinha acabado de lhes entregar os testes. Estavam muito fracos. Ficaram calados e sentia-se o peso do silêncio. Não havia nada para dizer. Dei-lhes algum tempo para lerem os meus comentários escritos no final do teste. Na maioria, eram comentários práticos para ajudar a ultrapassar as dificuldades. Ouviam-se as folhas para trás e para a frente. Uma das maiores frustrações para quem é professor.

São meus alunos há dois anos e gosto muito deles. Não têm as boas notas que eu gostaria que tivessem e não estão minimamente motivados para o investimento necessário para que isso possa acontecer. Vêm para a escola, como é hoje muito comum, sem expectativas, sem acreditarem que a escola tem algo para lhes oferecer, sem ali encontrarem algo mais que os colegas com quem passam o tempo. Acham que pouco ou nada aprendem, que o que aprendem para nada serve, vivem as aulas com uma atitude desprendida, que revela a sua falta de entusiasmo para com o trabalho que se desenvolve. Não investem.

Questiono-me: será que ensinar estes jovens gera algum conhecimento? Será que neles fica algo mais para além do que escrevem numa avaliação de momento? Será que aquilo que fica (ficará?) permite, efetivamente, a estruturação de algo posterior? Conseguiremos construir?

Construir mais e mais. Construir o necessário. Fazer aprender. Fazer ver mais. Ensinar a aprender a ver mais longe.

Uma das minhas maiores dificuldades é tentar mostrar-lhes que todo o conhecimento tem sempre valor. Que há conhecimento que é fundamental para que outro maior se estruture. Que nada é comparável ao conhecimento, e que o seu valor não pode ser medido em termos de finalidade utilitária. Fazê-los compreender que o conhecimento enriquece e nos permite melhorar a pessoa que somos. Procuro exemplos quando reconheço a incompreensão perante esta mensagem. A cultura e a arte não têm uma utilidade material funcional, mas não são essenciais? Respondem que não, que não, que não produzem riqueza, que não servem para grande coisa... que não... que não... que não....

Alguns olham para mim com ar um pouco perplexo e reflexivo. Vejo-os a pensar, mas dura pouco esse momento e, rapidamente, regressam àquilo que consideram a inutilidade do saber.

Não desisto. Apelo a conhecimentos estruturantes, a conhecimentos que têm que permanecer em nós para que outros surjam. Falo-lhes de fórmulas, teoremas, regras e teorias que não mudam, e que são fundamentais para entendermos a realidade. Argumentos a favor do conhecimento, de um sentido que para eles (ainda!) não tem sentido.

E não podemos desistir. Há que desconstruir para construir, sob pena de não sermos professores. Há que confiar.

E comecei a correção.



## **À procura**

Calados, num silêncio pouco habitual, liam um pequeno texto. Eu passeava por entre as carteiras e via-os a sublinhar uma expressão ou outra. Parei junto da janela e delicieei-me a olhar para eles. Uns muito interessados, outros mais ou menos e alguns, de lápis na mão, nada escreviam. Invasa por uma certa ternura que só quem é professor compreende, uma sensação frequente para quem acompanha os alunos num ciclo, sorri interiormente. Umas pestes, pensei. Estão tão grandes...já passou tanto tempo desde que nos conhecemos...

Foi uma turma complicada. Heterogénea, o décimo ano foi muito difícil. Nesse ano, tive sempre a sensação de que nunca cheguei ao mesmo tempo a todos. Ora me sentia a dar a aula para uns, ora para outros, e houve dias, em que senti que nem tinha chegado a nenhum. Acontece em anos como o décimo, em que a transição académica se impõe com grande exigência e, quantas vezes, desadequada à faixa etária ou à maturidade de quem a vive. É também um motivo para crescer, mas muitas vezes, é duro. Para o aluno e para o professor.

O aluno vive essa mudança muito desorientado, sem compreender muito bem o que lhe está a acontecer. Normalmente, vive o primeiro período numa certa inconsciência, relativamente ao que lhe é pedido, exigido, imposto. Surpreendido com um grau de exigência invulgar, não raras vezes entra num descrédito de si próprio, das suas capacidades, da sua motivação para o trabalho escolar, duvidando até da sua orientação vocacional. Progressivamente, vai-se ajustando, vai-se orientando e, a meio do ano letivo, está quase adaptado. Será uma maioria a quem isto acontece.

Outros, desistem mesmo. Sofrem um violento choque e é rápida a sua consciência de que não se enquadram no sistema em que ingressaram. Mas todos sabemos que há, ainda, um outro tipo de alunos. Aqueles que são “nem-nem”. Nem se enquadram no sistema, nem se reveem nele, nem se conseguem orientar. Mas também não desistem dele, nem mudam de percurso vocacional. Vão-se deixando ficar, escondem-se atrás dos “adaptados”, juntam-se-lhes e iniciam um percurso difícil, sobrevivendo a custo e com dificuldade. Persistem numa turma ao longo de todo um ciclo, muito tempo sem saírem, normalmente, da fraca mediania. A sua presença dilui-se na aula. Vão-se apagando na participação, misturados com os outros que evoluem. É o mais frequente.

E esses alunos inquietam quem é professor. Perturbam-nos. Ensaíamos respostas. Procuramos caminhos. É duro.

Tenho alunos assim. Nesta e noutras turmas. Agora, quase no fim deste percurso de dois anos de ensino secundário, participam muito, muito pouco, quase não abrem a boca; ora fazem o trabalho desejado, ora não fazem, e sinto que há um brilho que quase morreu no seu olhar, como se se tivesse apagado. Sinto um especial carinho por esses que não encontraram

respostas. Irão, certamente, concluir o ensino secundário. Com muito custo, sem o brilho nos olhos, mas concluirão. Eu é que fico sempre com a sensação que seria importante responder-lhes de uma outra maneira, usar outros caminhos. E lá vou procurando.

Ainda continuo à procura.

## Avaliar

Compenetrados, olhavam para os papéis em silêncio. Cada um tinha, em mãos e perante os olhos, o trabalho de um colega da turma. Alunos do décimo ano, conheço-os mal e nem sei ainda bem os nomes de todos eles.

Tratava-se de uma ficha de trabalho escrito realizada na aula anterior. Eu havia corrigido e classificado tudo, mas fiz os registos, comentários e anotações numa folha à parte. Tinha decidido propor-lhes um exercício invulgar: gostaria que cada um experimentasse corrigir a ficha e, para emprestar maior responsabilidade à ação, seria não a sua, mas a de um colega da turma. Ao acaso. Esta ideia surgiu-me só em casa, quando comecei a corrigir, mas fazia todo o sentido. E decidi que ia fazer assim.

Facultados que estavam os critérios de correção, cotações e cenários de resposta, começaram a tarefa.

Realizámos a atividade de forma metódica - ouvindo as dúvidas, as incertezas e clarificando os conceitos ambíguos. Por vezes, foi mesmo necessário ouvir respostas completas em que o “corretor” não sabia classificar. Nesses casos, e garantido que estava o anonimato, a leitura em voz alta revelava a resposta. Assim, todos poderiam avaliar a sua correção.

- “Eu acho que diz tudo o que deve ser dito, mas não usa as palavras que estão na proposta de correção que a professora deu...”; “então devo dar a cotação completa? É que aqui falta este assunto...”;

- “só falou deste aspeto...”;

- “não sei... acho que diz tudo!”;

- “Professora, isto não está correto porque são duas expressões que dizem a mesma coisa...”;

- “caracterizou só um em vez dos dois que se pedem...”;

- “diz só uma frase!”.

Isto foi o que se passou durante grande parte da aula. Deram opiniões, discutiram sobre uma ou outra questão, enfim, esmiuçaram os conceitos em jogo. Antes da correção da última pergunta – que era a de desenvolvimento – disse-lhes que parassem. Tínhamos já realizado o que eu pretendia e os objetivos haviam sido atingidos.

Falei com eles sobre a importância da avaliação na nossa disciplina, como iríamos proceder em momentos de avaliação escrita, o que eu esperava com este exercício e ainda de outras considerações que vieram a propósito. Souberam, então, a classificação e os comentários que eu havia feito.

Ouviram-me com muita atenção. Muita, muita atenção.

Correu bem, melhor do que eu esperava. O que eu queria mesmo era envolvê-los no processo de avaliação. Queria ajudá-los a compreender como poderíamos avaliar os conhecimentos e as aprendizagens que nos ocupam, para que serve avaliar, como e a quem informa, sobre o que incide, como poderiam e/ou deveriam estudar, como deveriam responder em função do tipo da pergunta, como seria desejável apresentarem um trabalho de forma limpa, correta e com brio. Falámos, ainda, de questões que sempre surgem e não conseguimos prever, ainda que planeemos qualquer atividade o melhor possível.

Diz-me a experiência que se aprende muito entre os pares. Que se aprendem muito mais coisas do que aquelas que inicialmente julgamos vir a aprender. Espero que assim tenha sido. Que todos tenham tomado consciência da responsabilidade do ato de avaliar. A seu tempo, veremos.

## Os Seus

Acabaram as aulas. A escola entra lentamente num tempo muito próprio, um tempo de acalmia antes de entrar no tempo dos exames. Esse é intenso e oscila entre grandes silêncios -a duração dos exames- e uma grande barulheira - o tempo que os antecede e os momentos seguintes.

Neste tempo de acalmia, porém, a escola não parece muito calma. Este ano são muitos os professores e os alunos que não deixaram acalmar a escola. Vejo-os a entrar em salas que se encham de grupos mais ou menos numerosos. É engraçado porque não reconheço os lugares habituais de uma sala de aula; os alunos em carteiras e o professor na sua mesa, ou mais frequentemente, de pé virado para os alunos. Agora, neste tempo, ficam em grupos, todos juntos, mais próximos, e as cabeças voltadas para as mesas, para o professor, para uns e outros. É a geometria espacial dos exames.

Nesta altura, os professores disponibilizam-se para um trabalho muito especial. Entregam-se aos alunos que durante o ano, normalmente dois ou três anos, foram seus e desejam realizar o exame da disciplina. Combinam um horário e encontram-se para trabalhar. É um sobre-trabalho. Já foram dadas as matérias, trabalhadas, revistas, avaliadas. Portanto, é trabalhar “sobre” isso. É, também, um trabalho “sobre” o cansaço do fim do último período, tempo de uma exigência muito grande em que tudo tem que ser feito em períodos e ritmos marcados e com muito pouca amplitude. É o tempo de uma “sobre”-carga, de um “sobre”-peso que se faz sentir em todos os que são professores.

Mas vão. Vão ter com os “seus” alunos, sentam-se em grupos e na calma de uma escola semi despovoada, persistem no trabalho com os “seus”. Todos os professores se referem aos seus alunos como os “seus”. Dizem “os meus alunos” mais como um sentido de pertença do que de posse, revelador do laço que os une. Sentem-nos como pessoas, nas suas ânsias e fragilidades; sentem-nos enfim, na humanidade comum. É sempre uma circunstância que me fascina: um professor recebe os alunos sem saber nada deles, recebe-os na simplicidade e crença de um outro que é bom. Agora, no fim do “seu” tempo com todos eles, dá-se-lhes, oferece, ainda, a cada um, um tempo final que prolonga a duração do que já é passado. É assim como um gosto, um presente que perpetua o trabalho feito. Uma dádiva generosa.

Também eu vou com os “meus” para uma sala. Juntamos as carteiras e a cumplicidade do tempo só nosso revela-se nos risos, nos silêncios, nos olhares. Olho pela janela e vejo outra sala. E lá estão outros. Outros que são de alguém. Em conjunto, a trabalhar.

## Ser professor entre os pares

### Por Aristóteles

Tínhamos acabado de ouvir uma pequena palestra em que a oradora fez uma ligeira referência a Aristóteles, um dos meus filósofos da Antiguidade.

Na plateia, entre comentários diversos referi à minha vizinha colega (professora de biologia) esse meu gosto, quase uma paixão de faculdade. Quase a sorrir, disse-me que, embora muito, mesmo muito rapidamente, costuma também referi-lo a propósito da classificação das espécies. Interessante, pensei. Nos breves comentários que fizemos, houve ainda tempo para lhe dizer que talvez esse interesse aristotélico pelas espécies e pela diversidade se devesse à influência de seu pai já que, sendo ervanário, lhe teria legado um especial gosto pela observação da natureza, algo caro ao filósofo. Achou curioso. E falámos mais um pouco sobre as nossas disciplinas que nos surgiram, inesperadamente, mais próximas. Eventualmente, da próxima vez que referir Aristóteles, irá dizer esta curiosidade aos alunos. Suspirou e, tristemente, lamentou-se do ritmo a que tem que lecionar os conteúdos. Impõe-se-lhe uma velocidade que não se compadece com aspetos ou pormenores cujo interesse não será, com certeza, objeto de avaliação num exame.

Tornou a suspirar.

Calei-me e pensei que os nossos alunos perdem imenso quando se abdica disto. Perdem tantas coisas... A oportunidade de com-versar (versar, entenda-se tratar de um assunto e com, entenda-se junto de alguém que saberia algo mais); a oportunidade de aprender (prender a si uma nova informação) e a oportunidade, não menos importante, de escutar a professora sobre algo que talvez não venha num manual ou livro de exercícios. Perdem o gosto do conhecimento pelo conhecimento. Qualquer informação, por mais pequena, mais ínfima que seja, não pode ser de somenos importância.

É que, verdadeiramente, perdemos todos, todos, a oportunidade de, na relação com os nossos alunos, construir uma cultura que tantas e tantas vezes reconhecemos que não têm. E, o mais triste é que o fazemos (e são tantos a senti-lo), porque o tempo não o permite.

É preciso construir. É preciso dar um tempo que liberte. É preciso respirar. É preciso um tempo de liberdade.

## **Da obrigação**

Foi ontem a primeira das várias reuniões que marcam o início da preparação de um evento festivo para o final do ano letivo, um evento já com alguma tradição na escola. Cheios, mas verdadeiramente cheios de trabalho, juntaram-se cinco professores. Todos com muitos anos de serviço. Juntaram-se na sala dos professores, numa mesa ao fundo, à procura de algum sossego numa escola que – em obras – se debate com dificuldade de espaços para estes fins. Olharam uns para os outros e, no meio dos cansados mas cúmplices sorrisos, um “ora vamos lá a isto” anunciou o início da reunião.

Estão todos sobrecarregados de trabalho. Trazem às costas, aos ombros ou nas mãos, imenso peso, peso real, ainda que não concreto. O trabalho dos professores é uma grande carga. Carregam-se, na verdadeira aceção, livros pesados, sobre os quais, em longas e longas horas, se fizeram anotações, riscos e sublinhados; carregam-se cadernos cheios de notas e comentários; carregam-se horas em cima das pernas que andam imenso, mesmo imenso, pelos corredores da escola e que sobem e descem muitas escadas vezes e vezes por dia; carregam-se horas de reuniões de conselhos de turma, de ciclo, de ano ou de nível, de grupo, de departamento, de diretores de turma, de secções ou grupos de trabalho; horas de computador de onde se tiram faltas, escrevem cartas,...; carregam-se horas de telefonemas, de encontros com encarregados de educação, horas de... São muitas horas. É muito peso. É muito fardo. E os professores estão cansados. De não serem reconhecidos no seu cansaço. De não serem valorizados na dedicação que põem na graciosa missão de fazer com que os alunos venham a sair maiores do que quando chegam. De não serem reconhecidos no seu esforço. No seu estudo. Na sua entrega.

Ser professor a tudo isto obriga. E aqueles cinco professores, como tantos e tantos, num anseio de felicidade já antecipada, entregam-se, sem obrigação, a mais horas que se anteveem como momentos felizes no final de um ano letivo. Para os seus alunos. Para que se expressem. Para que saibam que não nos desenvolvemos ou crescemos apenas pelo erro ou sofrimento, mas também pela felicidade e alegria. Para que saiam maiores.

### **A obrigação do abandono.**

Duas professoras abraçavam-se no corredor, à porta de uma sala. Foi um abraço longo, extenso, muito cheio de afeto. Por fim, afastaram-se e olharam uma para a outra, entre sorrisos. A mais velha disse: “tudo de bom para ti”. A mais nova alargou o sorriso e, baixando a cabeça, afastou-se. Não repararam em mim que as observava. Uma, afastou-se em passo largo com a cabeça baixa enquanto a outra, de pé apoiada à porta de uma sala, a olhava já ao longe.

Mostrei-me.

“Era a M.”, disse-me.

“Sim, eu vi”.

“Vai-se embora. É contratada. Ótima professora. É uma pena.”

“Pois é.”

E fechámos o diálogo.

Há muitos, muitos anos, também eu parti muitas vezes. Partia de escolas onde deixava tudo - colegas, funcionários, alunos, um mundo inteiro que preenchia os dias de todo um ano. Talvez por ser ainda uma memória daquelas que é distante e presente, me sinto tão próxima desta situação pela qual sempre me custou tanto passar.

Os professores chegam, aterram numa escola para a qual foram designados no dia ou dias anteriores, cai-lhes um mundo em cima e, de imediato, começam a trabalhar. Dir-me-ão que esta circunstância não é exclusiva da classe docente. De facto, não é. Há outras profissões onde acontece o mesmo, este cair repentino num todo existente e já organizado. Mas, todos os que passam por isto sabem quão doloroso é, quanto custa esta queda, este cair desamparado num processo que já está a correr. Têm que se adaptar. E adaptam-se. Com maior ou menor desenvoltura, maior ou menor discrição, lá se vão orientando e organizando. Leva o seu tempo, leva. Mas lá conseguem. E por lá vivem um ano onde até “moram” na escola.

Moram mesmo.

Ser professor significou, desde sempre, estar muito, muito tempo na escola. Nas salas de aula, nas salas de trabalho, nas de diretor de turma, na secretaria, no refeitório, na direção, ao telefone, seja onde for que se esteja. Será, também, das profissões em que, para trabalhar, é necessário andar por muitos sítios. Conhecem-se os “cantos à casa”, o nome de todas as pessoas, os temperamentos daqueles com quem se tem que falar, com quem se tem que trabalhar. É das profissões que impõe “ser-se pessoa” no sentido mais completo do termo, pois exige saber ouvir e falar com o outro, olhar para além do que se vê, intuir o sentido para além do que se diz, apreender e entender as emoções, explicar o que se sabe, avaliar para além dos



conhecimentos,...enfim, exige revelar tudo o que se é. Para depois, ao fim de um ano, partir. Partir.

Lembrei-me, de novo, das minhas partidas. De como num corredor me defendia do laço-abraço das colegas que me tinham acompanhado - e ensinado – ao longo do ano. De como me custava olhar em redor para as salas onde o tempo tinha o sentido de uma missão. Quando partia, havia uma tristeza muito fina, presente e disfarçada, assim como o reconhecimento de uma imperfeição que queria esconder, que era somente a do abandono a que estava obrigada. Lembro-me. Do vazio que se instalava, quando transpunha o portão de uma escola no dia da partida. De como chorei uma vez na estrada que me conduziu a casa. De como é triste!

É uma pena. Pois é. É mesmo. Mesmo.

## O “pensar” dos professores

Vinha cansada. Era a minha quarta e última aula da tarde, tinha sido exigente e a energia despendida imensa. A caminho da sala dos professores, o barulho e a agitação normais no intervalo de uma escola muito grande. Cheguei à sala dos professores, sentei-me e deixei-me ficar a descansar. Incapaz de conversar, incapaz de falar, fui recuperando o folego. Tocou. Os professores saíram e eu ainda fiquei.

São poucos os que sabem o esforço que um professor faz quando dá uma aula. O desgaste da profissão docente é muito específico. Ensinar e fazer aprender não são ações funcionais e mecânicas; são atividades em que a teoria e a ação prática se sustentam mutuamente num esforço muito empenhado e dirigido.

Se por um lado, numa aula, existe uma atividade física intensa – anda-se imenso, fala-se muito, está-se muito tempo em pé, gesticula-se, dramatiza-se, a verdade é que existe um outro lado, menos visível para os que de um modo simplista e redutor olham para a docência: é que, enquanto desenvolvem todas estas atividades, os professores estão, também, a “pensar”. E o “pensar” dos professores é, igualmente, um esforço. Os pares sabem-no; mas, para grande parte das pessoas que levianamente olham para esta profissão, é um esforço que não se apresenta como tal. Para esses, esse esforço é inexistente. Não estou a referir-me ao tempo que as aulas levam – demoram e custam a preparar. Não é a esse tempo, que também é muito, que me estou a referir. Estou a referir-me ao “pensar” enquanto se faz tudo o que antes referi, ao esforço do pensar, “enquanto” a aula acontece. E tudo acontece quase em simultâneo. Uma aula é complexidade. É expor, raciocinar, recordar, mobilizar, estruturar, didatizar, selecionar, optar, facilitar, promover, exemplificar, ouvir, intuir, compreender, escutar, ponderar, conjugar, avaliar, ler, ditar..., um sem número de ações que, apesar de não serem visíveis ao simplismo do senso comum, são, verdadeiramente, muito exigentes. E são ações que, na sua consecução, convergem no espaço-tempo de uma só aula.

Mas só aqueles que são professores o sabem tão bem. Sabem-no de “experiência feita”, de vida despendida, gasta em muitas salas de aula. Gasta-se tudo. Gasta-se de tudo ao mesmo tempo. E fica-se vazio quando nada se gastou. Quando isso acontece, é porque a Aula não aconteceu.

## Respirar

Eu e uma colega encontrámo-nos na sala dos professores. Partilhamos uma turma. Os nossos alunos estavam numa atividade que nos libertou nesse momento. Foi um acaso este encontro. Já nos conhecemos há muitos anos. Começámos a trabalhar ao mesmo tempo e na mesma escola e, depois, ao longo dos anos, cruzámo-nos nas escolas por onde íamos andando.

A conversa aconteceu. O tema foi, como não podia deixar de ser, os “nossos” alunos.

“Que a M. estava muito em baixo porque a mãe estava muito doente; que o V. estava muito compenetrado do seu papel de homem da casa (já viste que responsável?); que a J. estava mais distraída porque namorava com aquele outro aluno da outra turma (já tinha trocado o namorado anterior!); que a H. andava com a cabeça não sei onde, nem sabíamos porquê (o pai tinha voltado para casa?); que a C. tinha pintado o cabelo de verde ... (lembras-te quando o pintou de cor de rosa?); que ...; que...; que...”

Conversámos. Adorámos. Ficámos felizes. Ainda queríamos tomar um café, mas o bar fica muito longe e estávamos bem na sala dos professores que, embora fria, foi o palco deste bom encontro. É tão raro acontecerem estas conversas, hoje! As escolas são grandes e o espaço torna tudo tão distante!

Tocou a campainha. A caminho da aula seguinte, fui a pensar na nossa conversa.

Entre risos, caras sérias, exclamações ruidosas (as professoras falam sempre muito alto!!!) estivemos bem. Muito bem. Um momento feliz nos dias da escola. Também nos falta “isto”, esta informalidade comunicativa que alimenta a alma de quem é professor. É-nos muito importante respirar o ar dos nossos alunos! Trabalhar em conjunto não passa somente por trabalhar matérias e conteúdos que lecionamos; é, também, essencial trabalhar as emoções de quem está imerso num mar de gente que pensa, sente, vive e passa muitas e muitas horas connosco. Viver como professor é viver “em relação”. Esta é, já o disseram, uma profissão que precisa de “se dizer e de se contar” e sem nos encontrarmos, sem espaço para este respirar o outro, sem conversa, sem reflexão, esgotamo-nos numa aridez que nos faz desaparecer.

## Sem sentido

Sáímos ambas da sala. Fomos andando pelo corredor, carregadas com pastas e livros. Estamos já há muito tempo no ensino. Algumas limitações próprias da idade já se fazem notar e, em desabafo, constatamos o esforço a que nos obrigamos. Foi sobre isso que fomos falando e, pelo meio da conversa, perpassava uma tristeza que, finalmente, se verbalizou. Sempre a correr, sempre a correr... tanto que fazer, tanto papel que ainda há que distribuir, tanto telefonema....

A escola, hoje, exige tanto de tão pouco importante! Desperdiça-se uma tão grande energia e tempo em papeis, em fotocópias, em emails, em telefonemas, em contactos.... Serão necessários, sim, mas onde fica o tempo do essencial? O tempo da criação de momentos únicos, de momentos que “fazem” a pessoa, de momentos que “marcam” um momento no quotidiano dos alunos? Hoje, são tantas as horas de aula, as tarefas de um diretor de turma, de curso, de um professor! As convocatórias, os contactos, as informações, é tanta responsabilidade... que não sobra tempo para outras coisas, outras atividades que seriam – essas sim - essenciais ao ensino, à aprendizagem e à formação dos alunos.

Não sou nostálgica de um tempo que já não é o de hoje. O tempo é um *continuum* e foi um tempo que já passou; hoje é o que é, e ontem foi o que foi. O que sinto é o sentimento de perda de sentido de uma importante dimensão da ação escolar. A escola deverá fazer aprender conhecimento, dar competências, e mais, sem dúvida, desenvolver a cidadania. Reconheçamo-lo, a escola é um poderoso agente de socialização. Hoje, com grande parte das famílias fragmentadas e com a exigência horária de trabalho que a maioria destas refere, muitos dos nossos jovens apresentam um défice desta habilitação social. Não a adquirem devidamente na família, pois partilham muito pouco de uma vida familiar. E com este ritmo de trabalho na escola, poucos são os professores que conseguem disponibilidade física e emocional para criar atividades que propiciem a experiência interior sempre necessária ao desenvolvimento do “eu”. Adoro trabalhar com jovens que, cheios de energia, a põem em tudo o que fazem. Só que lhes está a faltar algo que é estruturante, fundamental: ampliar a pessoa que são. É preciso que saiam da escola com outros bens que não apenas o conhecimento.

Está a fazer muita falta à escola o tempo do “encontro”, um tempo de experiências que favoreçam o “encontro”, que permitam pensar o “eu” e o “outro”. Essa é uma tarefa que muitos professores sentem que hoje não existe, que não conseguem realizar no atual tempo que se vive na escola. Não será visível administrativamente, mas é uma vivência de emoções que faz imensa falta aos nossos jovens alunos. Para além do “dar” a aula, o professor precisa - sim, precisa – de pensá-la, prepará-la, de a criar. Adequar o melhor aos seus alunos, que são tantos e tão diferentes. E isso, implica tempo. Tempo para pensarem, encontrarem o melhor e o necessário.

Para pensarem “aulas fora das salas de aula”. Não é ócio estéril, é criador, é aquele tempo em que germina o que é tão importante para que os professores sintam a sua missão mais completa.

Ontem, no final da tarde, já fora de horas, disponibilizei-me para trabalhar com três alunas numa atividade que teriam que apresentar em breve. Sozinha, na tranquilidade de uma sala só por nossa conta, sugeri, ajudei e senti que, por vezes, as fiz pensar. Não foi nenhum momento marcante, mas senti algum consolo, embora pequeno. No final do dia, estava esgotada. Cheguei a casa tão cansada que senti tristeza por não estar disponível para quem mais merece – a família. Não deve e não pode ser assim. Nesta voraz rapidez dos dias, não há sentido. E esse, para quem é professor, esse, tem que existir.

## **Horário de verão**

Desliguei o telefone, abri a porta do carro, sentei-me e comecei a guiar de regresso a casa. Parada no lento, muito lento, trânsito do fim da tarde, pensei na conversa que acabara de ter.

Já não falávamos há quê? três ou mais anos, talvez mais. Tinha acabado de lhe telefonar. E adorei falar-lhe. Somos, ainda, colegas-amigas.

É uma colega de uma escola e de um tempo muito diferentes do de hoje. Os telemóveis tinham surgido há pouco, a internet era (ainda!) uma novidade e os computadores na escola não eram assim tantos. Às vezes, parece quase impossível que tenha existido um tempo assim; mas existiu. Fomos colegas há muitos, muitos anos, na mesma escola, mesmo grupo, mesma disciplina. Chegámos à escola no mesmo momento e entrámos juntas. Não nos conhecíamos até então. Próximas na idade, toda uma vida diferente a separar-nos.

Hoje, sei que as pessoas com vidas diferentes podem ser próximas. Hoje, penso que ter-lhe oferecido boleia e termos percorrido quilómetros e quilómetros e consumido horas e horas no trânsito foi muito bom. Acabadas as aulas da tarde, regressávamos juntas até ao local onde ela ainda ia apanhar o metro. Foi assim o ano inteiro. Falávamos muito e havia tempo para falarmos. As aulas, os alunos, os colegas, os funcionários, ... falávamos sobre tudo e todos os que “fazem” a escola. As matérias, as dificuldades que sentíamos em trabalhá-las, como as preparávamos, as concretizávamos, as atividades que achávamos com interesse, o que gostaríamos de fazer, enfim, um sem número de conversas que tivemos. Tínhamos ambas muitos alunos e turmas muito difíceis e, sem darmos por isso, essas conversas tiveram um papel pedagógico, construtivo, estruturante da nossa ação docente. Já não eram momentos de trabalho, mas a verdade é que trabalhámos imenso, imenso. Às vezes, ocupávamo-nos com o cinema, a literatura, a música (vínhamos sempre a ouvir rádio), os acontecimentos e o mundo. Era assim; era como a conversa surgia. E também, claro, falávamos das nossas vidas, das nossas pessoas, das nossas coisas boas e dos momentos felizes, dos dramas grandes e pequenos que, como a qualquer um, habitavam as nossas vidas. E foi um ano bom. Difícil, mas bom. No final do mês de março, quando começou o horário de verão, ficámos felizes por regressarmos a casa ainda de dia. Talvez porque estivéssemos muito cansadas, talvez pela surpresa dessa luz, da luminosidade desse tempo, esse dia ficou para sempre em nós. Brincávamos com isso e o comentário “ainda é dia!” foi uma expressão que nos ligou e permaneceu. E o ano chegou ao fim. Despedimo-nos e cada uma começou muitos outros anos.

Às vezes pego num livro que me ofereceu nessa altura e onde escreveu “...a uma companheira de regressos” e sorrio sempre. Há dias, logo no dia seguinte à mudança da hora para o horário de verão, quando saí da escola recordei, como sempre, aquela expressão: “ainda é dia!”

E telefonei-lhe.

## **Partir**

Este ano, na sala de professores, estão muitos professores novos. Caras novas que os concursos sempre trazem. Conheci alguns já antes das férias, mas a grande maioria dos novos veio só neste início de ano letivo. Não é que sejam “novos” na idade; estão – quase todos - muito próximos da meia idade, já com cerca de vinte anos de trabalho. Vieram ainda alguns mais velhos, próximos da idade em que esperam retirar-se. Vejo essa chegada com bons olhos e com otimismo. Acolho-os com amabilidade, ajudo no que posso à sua integração, faço o possível para que se sintam bem. Mudei muitas e muitas vezes de escola, e recordo esta sensação de mudança com frequência. Lembro-me bem de como “partir é morrer um pouco”. Não é fácil. É mesmo difícil.

Recordei os dias que antecederam este início de aulas. Num impulso de saudades dos colegas que partiram para povoar outras escolas - pois, para que uns cheguem, é necessário que outros partam – telefonei a alguns. Foram telefonemas longos, estranhos, simultaneamente alegres (pelo reencontro da voz, dos risos, das cumplicidades) e tristes (pela distância de um tempo em comum que ainda é tão próximo, mas que já acabou). Quis saber deles. Quis saber onde estavam colocados, se estavam bem, se gostavam da escola, se .... Quis ouvi-los. Quis dizer-lhes que tudo iria correr bem, que tudo seria melhor quando conhecessem os alunos. Essas foram palavras que eu disse, mas eles já sabiam o que eu queria dizer. Já sabiam. Também eles sabem que a um professor, só o aluno o move. Só o aluno faz com que haja sentido na mudança. Só o aluno fará que haja sentido nessa mudança e nessa dor que existe sempre na vida de quem tem que mudar. A um professor, só o aluno o faz avançar e deixar a mágoa do desterro para trás.



## **(Re)encontro**

Há dias, numa pequena e curta ação de formação, reencontrei algumas colegas do tempo da faculdade.

No início da vida profissional, encontrávamo-nos muito. Nessa altura, éramos muitas. Depois, deixámos quase de nos ver. A vida foi-nos separando na geografia e nas oportunidades e, as que ali estavam, já se não viam há anos. Todas mulheres, num tom muito alegre e em conversa animada, queríamos saber umas das outras. Foi uma alegria e uma barulheira. As conversas foram o que é costume nessas ocasiões: as escolas em que nos encontramos a trabalhar, a família e a profissão. Por esta ordem. Sem filtros e com a cumplicidade de uma época de juventude partilhada, as palavras foram saindo numa toada sincera. Quando os ânimos serenaram, o tom da conversa modificou-se. O presente e o futuro da vida e da profissão tomaram conta de nós.

Falámos da crise na educação, do envelhecimento da população docente, das injustiças que surgiram com as imensas modificações de um sistema em que todas ingressámos, já há tanto tempo. Ouvimo-nos nos comentários críticos, mas não foi uma catarse, com palavras desordenadas e sem sentido. Na verdade, todas sabíamos claramente definir o que achávamos bem e mal e comentávamos o desconforto, em que todas vivemos.

Falámos das injustiças que a evolução da carreira trouxe, de como há tanto e tanto trabalho em que não reconhecemos sentido, de como uma profissão que “se quer” se pode, por vezes, transformar numa profissão em que “se está”. E, inesperadamente, surgiu o tema do fim da carreira. Algumas de nós, num tom sério, disseram que querem, decididamente, “ir embora”. Dizem que cumprem, mas “estão cansadas”. Outras, dizem que também “estão muito cansadas, mas ... não”, ainda não, ainda há algo a dar. Mas, porque a formação, que nos permitiu o reencontro, nos obrigava a entrar de novo na sala de trabalho, acabámos a conversa numa onda de otimismo. Julgo que não quisemos separar-nos em tristeza e desalento. E falámos de coisas boas de que todas gostávamos - “entrar na aula”, “agarrá-los”, “revelar uma novidade” - coisas que continuam a desafiar-nos, apesar de tudo o que nos incomoda.

Já a caminho da sala, a conversa foi evoluindo. O que tínhamos feito ao longo do tempo. Tannnnnto! “Mestrado? Fizeste? O quê? Doutoramento? Eu sim..., eu não..., onde..., como..., porquê..., porque não...” e o tempo passou a correr. No fim, trocámos telefones e emails, beijos e muitos, muitos abraços.

Mais tarde, com a serenidade e a clarividência que só um olhar à distância permite, pensei nesse (re)encontro e em tudo o que tínhamos conversado. Pensei no que tínhamos ou não feito, após a saída da faculdade. Como evoluímos, como nos tornámos no que somos hoje. Numa onda de alegria, recordei os nossos propósitos desse tempo. Na altura, todas, todas queríamos ser

professoras. Todas queríamos ensinar. Ir para o terreno, ir para uma escola, dar aulas, ter alunos. Os sonhos do princípio e o anúncio de um fim que já se vai aproximando. Os nossos projetos de há trinta e tal anos na realidade de hoje. Estava feliz e senti que, apesar da traição feita a muitos dos nossos sonhos (traição decidida, tantas vezes, em gabinetes), é apenas e só entre “irmãos do mesmo ofício” que sentimos o desânimo e também a força da nossa profissão.

## O presente

Bateu à porta. A professora veio abrir e disse-nos que entrássemos.

Momentos antes, enquanto caminhávamos pelo longo corredor, recordei porque estava ali. Na semana anterior, durante um intervalo, veio ter comigo e disse-me que me queria pedir um favor. Não nos temos cruzado muito. Vemo-nos com pouca frequência e quase só nos cumprimentamos. Há uns anos tivemos turmas em comum e, nessa altura, víamo-nos com frequência. Agora, a escola é enorme, andamos mais distantes, nós e todos. Mas, enquanto eu tomava café, encontrámo-nos e disse-me isso. Gostava de saber se eu estaria disposta a ir a uma turma dela do décimo ano ler um texto. Disse-lhe que sim, que iria com gosto. O que pretendia, exatamente? Explicou-me que seria um presente de Natal que queria oferecer aos alunos, que achava que deviam ouvir outra pessoa ler que não sempre ela. Seria no último dia de aulas e no início de uma aula de uma disciplina diferente da sua, pois nesse dia não estaria com essa turma, mas ela falaria com a colega. E eu leria o quê? Algo simples, não muito extenso, linguagem acessível. Ficava ao meu critério.

Ontem, último dia de aulas, lá fui. Levava uma série de folhas com o texto impresso para, no fim da leitura, o poder oferecer a cada aluno. Entrei. Entrámos. Enquanto me apresentou aos seus alunos, eu, calada, observei-os. Quinze anos curiosos, risonhos, agitados. Expectantes. Fez-se silêncio. Comecei a ler.

Ouviram-me. Senti que me escutavam. Quando acabei, ainda ficaram em silêncio mais um pouco. Levantei o olhar e vi os rostos sérios e silenciosos. Muitos baixaram os olhos. Sem barulho, entreguei o texto a cada um. Quase formal, agradeci-lhes e antes de sair acompanhada da minha colega que, entretanto, havia ficado também a ouvir, desejámos Feliz Natal uns aos outros.

A manhã continuou como é costume nesse último dia de aulas antes do Natal: professores muito atarefados na alegria e barulheira do ambiente da festa natalícia antecipada.

Dizem que os aromas ativam as memórias e hoje, talvez tenha sido isso, porque pelo meio dos cheiros do açúcar e da canela, pensei muito sobre esses alunos. Recordei as palavras ditas e aquele sentimento que para um professor é uma Graça: o sentimento de entrarem nos ouvidos e no coração de quem escuta. Pensei que sem nos conhecermos, sem saberem quem eu sou e sem eu saber quem eles são, senti o Natal a chegar. Eu iria oferecer-lhes um presente, mas sem o saberem, foi a mim que mo ofereceram. É Natal!

## Busca

Cruzámo-nos em frente à escola. Eu saía, ela entrava. Abraçámo-nos, trocámos algumas palavras e desejámos Bom Ano uma à outra. Olhou para os dossiers que trazia nos braços e disse-me que estava muito triste com os alunos da direção de turma. Muito difíceis, muito complicados - muitos dramas.

Desde o início do ano que eu já sei que aquela turma é difícil. Constituída quase na totalidade por alunos de um nível socioeconómico baixo, muitos deles com dificuldades acrescidas a nível familiar e socio-afetivo. Tenho acompanhado a situação, embora à distância.

Tentei animá-la. Estamos no início do ano e é necessário sermos positivas e otimistas. Há que ter esperança, há que acreditar que tudo irá ser melhor. Com estas palavras mais ou menos de circunstância, separámo-nos, e cada uma foi para seu lado.

Caminhei para o carro, arrumei com a pasta e com os livros e vim para casa. Ao longo do caminho, fugiu-me o pensamento para a memória. Lembrei-me de três das minhas turmas do último ano. Eram turmas do secundário, mas do mesmo género. A maioria eram alunos sem interesse algum na escola, sem qualquer vontade de lá estar, sem projetos, sem desejos, sem horizontes, sem sonhos, sem perspectivas de futuro. Lembro-me bem, está ainda muito, muito presente em mim essa realidade. Lembro-me de sair de algumas aulas tão desgastada que não estava capaz de fazer mais nada, sentia-me sem ânimo para... Em trinta anos de ensino, nunca tinha encontrado alunos assim, embora já tivesse experiência numa grande diversidade de percursos formativos, onde existem alunos difíceis e problemáticos. Lembro-me de como isso foi difícil. E foi tão difícil! Tão sem sentido, tão estranho ao universo da docência. A negação do magistério.

Marcou-me.

Perguntei-me tantas e tantas vezes: como era aquilo possível? Como deveria eu agir, planear, resolver? Sem respostas, fui tentando orientar-me. Ninguém nos ensina, é preciso ir à procura, ensaiar caminhos, meios, tentar compreender um absurdo: estar na escola sem o querer. E, sem clemência, sentia que era preciso estar lá, naquelas aulas, que continuavam numa quase incoerência que não permitia o tempo da reflexão esclarecida. Foi muito duro. Foi como, agora, estará a ser para ela.

Deixei-me vogar nessas memórias mais um pouco. Recordei alguns episódios sem sentido e, entretanto, cheguei a casa, almocei e, quando me preparava para corrigir uns trabalhos que estavam à minha espera, afastei um livro pequeno que ainda restava da leitura das férias de Natal. É um daqueles volumes a que retorno sempre na eterna busca da compreensão. Abri-o ao acaso (ou terá sido na procura do sentido que não estava a encontrar), e uma frase de Rilke captou a minha atenção: *a alegria é saber* e concluí - temos que continuar à procura.

## **A nós, a todos nós**

Na sala de trabalho, estávamos só nós. Cada uma trabalhava no seu computador. Durante muito tempo, estivemos caladas e só se ouvia “teclar”, aquele som irritante que se tornou presença diária para todos.

De repente, ela falou, indignada. “Não posso acreditar! Não acredito, vê isto, vê isto! Achas normal?”, dizia, enquanto abanava a cabeça, exclamou “eu não acredito!”. Parei de escrever e olhei para ela, que me apontava o écran do seu computador. Aproximei-me e vi com atenção. Um email de uma encarregada de educação dirigia-se à diretora de turma do seu filho, que neste caso, era a minha colega, a professora de português, usando linguagem com uma série de abreviaturas e muitos erros de ortografia e de sintaxe. Tornava-se até difícil compreender o sentido do texto. Queria, deparei eu, questionar a legitimidade de se realizar um segundo teste sobre uma determinada matéria, cujos resultados, em avaliação anterior, não tinham sido positivos.

De pé, indignada, estava mesmo alterada e perguntava-me “estás a ver? Não vem à escola, nunca veio a nenhuma reunião, mas agora, olha, escreve-me isto! Imagina, agora vem discutir as minhas opções pedagógicas! Para isto, esta mãe já está presente!”.

Tentei acalmá-la, mas eu própria estava incomodada. Ainda que não fosse a primeira vez que me encontrava perante uma situação como esta, o tom do email era mesmo desagradável e compreendi a indignação.

O acesso fácil às tecnologias digitais agiliza a comunicação, mas esse acesso não tem sido, em muitos casos, acompanhado pela literacia e responsabilidade que o deveria pautar. Tem sido relativamente frequente ouvir e ver que há encarregados de educação que, por correio eletrónico, se dirigem aos professores dos filhos, com pouco respeito pelo seu trabalho. Usam termos pouco corretos e até, por vezes, um tom desabrido ao questionarem as atividades que os professores desenvolvem. É muito importante que os encarregados de educação, que normalmente são os pais dos nossos alunos, falem com os docentes que orientam e trabalham com os seus educandos. Mas é fundamental que compreendam que o devem fazer num respeito absoluto pelo trabalho daqueles, e jamais poderei compreender que o façam com evidente falta de educação. Os professores são profissionais responsáveis e que muito se prepararam, científica e pedagogicamente, para exercerem a sua profissão. Incomoda-me, e muito, que esta seja entendida como um vulgar exercício amador que qualquer um, sem legitimidade, possa questionar.

Olhei novamente para a professora que, à minha frente, alterada, não parecia capaz de se concentrar de novo no trabalho. Sentou-se e levantou-se várias vezes, e acabou por se ir embora. Triste, despediu-se com um resignado “até amanhã”.

Regressei às teclas e ao écran. Triste, também eu. É que uma identidade profissional ferida, não fere só um, fere todos nós.

## **Roubaram-nos**

Abandonada a sala começámos a descer as escadas. Saímos da escola. Mais uma reunião de grupo. Estávamos muito cansadas.

Uma das coisas que mais me custa enquanto professora é terem-nos roubado o tempo. Há uma geração de professores a quem, progressivamente, foi roubado o tempo. Inicialmente, com o aumento de horas letivas para quem lecionava o secundário; com a obrigatoriedade de trabalho não letivo presencial nas escolas; com o fim de algumas reduções por idade; finalmente, com o advento da era digital, com o aumento de trabalho e a aceleração que essa revolução exigiu.

Há muitos anos, eu e muitos professores tínhamos tempo. Era uma altura em que, então jovens professores, as escolas em que estávamos colocados exigiam viagens de comboio, de camioneta, frequentemente, boleia com colegas e, em muitos casos, exigia-se mesmo permanecer na localidade da escola. Foi um tempo difícil, mas na época, havia tempo. As viagens, quando solitárias, permitiam pensar; quando em companhia, eram muitas as conversas que se impunham. Eu vivi também nesse tempo. Nessa altura, os professores partilhavam as suas experiências, os seus prazeres, as suas alegrias e descobertas, mas também as suas dúvidas, as suas angústias e incertezas. Havia, nesse tempo, uma naturalidade, uma convivência informal que era marcante para todos os que a viviam. Lembro-me bem de como essas conversas entre pares me foram benéficas e tanto ajudaram a uma melhor prática pedagógica. Éramos professores com idades muito distintas e a experiência convivia com a ingenuidade e natural falta de destreza dos principiantes. Na atual linguagem tecnocrático-digital, foi um “tutorial” em ação. Aprendi muito com essa espontânea vida em comum. Aprendi coisas fundamentais como, por exemplo, “não se vai para uma aula sem se saber o que queremos que “eles” aprendam”, “experimenta fazer assim e não dessa maneira”, “faz-lhes esta ficha que eu dei, e já vê se aprenderam isso bem”, e outras coisas como estas. Esse foi um tempo rico de muitas aprendizagens, de muitas partilhas, de muitas reflexões, de muita criatividade.

Agora, neste também meu tempo, determinou-se um trabalho colaborativo. Não contesto a sua necessidade. Creio, sinceramente, que o trabalho docente só tem sentido em conjunto e que a riqueza que advém da relação entre pares permite a melhoria do ensino e da aprendizagem. Aprendemos, sobretudo, uns com os outros.

Mas é diferente. Este é um outro tempo. E estamos reféns do tempo que nos calhou.

Envelhecida, a classe docente tem recursos, mas entendo-a menos criativa. Com o aumento do número de horas que somos obrigados a trabalhar e com as tarefas burocráticas que nos são exigidas, não há muito tempo, nem disponibilidade para “criar”.

Há dias, mostrei um vídeo sobre a criatividade. Revela que os *deadlines* a limitam, a apertam, a espartilham. Tudo se faz porque, quando é urgente, o tempo é, obrigatoriamente, mobilizador. Mas, frequentemente, pouco criativo. É que o tempo enriquece a produção. E, retirando aos professores o fermento dessa espontaneidade entre pares, esse tempo livre em comum, criou-se, paradoxalmente, a perda de horas criativas. Pessoas cansadas não inovam e pouco criam. Por muito que se esforcem.

Verdade é, que nos esforçamos.



## No museu

Já os tinha visto lá fora, antes de entrarem. Chamaram-me a atenção. De mãos dadas, dois a dois, obedeciam às ordens das professoras. Entraram calmamente, com uma professora à frente e outra no fim da fila. Muito direitinhos, um grupo colorido.

Seriam umas vinte crianças. Teriam cerca de sete, oito anos. Agora, sentados no chão, olhavam para um imenso quadro pintado que ocupava toda a parede. O grupo era vivo e de muitas etnias. Loiros, olhos claros, morenos, olhos muito escuros. Europeus, asiáticos, árabes e africanos.

Na sala estavam muitas pessoas e, também estas, muito diferentes. Um cenário que não me era novo num museu europeu de grande dimensão.

Aproximei-me. De pé, via-os de cima. Muitas cabecitas com cabelos e penteados tão diferentes! Também as professoras eram assim. Uma delas, muito loira, com uns óculos que deixavam ver os olhos claros, vestia jeans e t-shirt. O cabelo, solto e comprido, emoldurava-lhe a cara. A outra, muito morena, tinha o cabelo todo coberto por um lenço cor de laranja que caía por cima de uma túnica até aos pés.

Queria estar atenta à pintura, àquele magnífico quadro que me tinha levado àquela sala, mas o grupo distraía-me. Desisti do quadro. Uma coisa de cada vez.

A professora loira, de costas para o quadro, falava para todos. As cabecitas moviam-se, e os braços iam-se levantando com entusiasmo. A outra professora, também atenta ao grupo, ia olhando para uns e outros com aquela atenção própria de quem cuida. Com ordem, intercalando momentos de exposição, perguntas e respostas, com muitos gestos que acompanhavam o movimento do espírito, lá foram fazendo a aula.

Aproximei-me mais. Ouvi as palavras da professora e, num súbito e muito breve cruzamento de olhares, eu e ela trocámos sorrisos. Um entendimento cúmplice que ultrapassa qualquer língua. Tranquila, afastei-me. Mais sorrisos com a outra professora. Não falámos e, não sei explicar, mas senti que soubemos ambas que éramos “irmãs no mesmo ofício. Esse laço fraterno, a nossa troca de olhares, sem palavras, foi clara.

Próxima, ali tão perto, comovi-me. A diversidade do nosso mundo naquele pequeno grupo, ali, aos meus pés. O mundo, aos meus pés. O mundo, na sua beleza, diversidade e esperança, aos meus pés. Unido pela cultura, pelo conhecimento, pela arte. E os professores, no seu vínculo invisível, a ajudar a construí-lo.

Afastei-me, finalmente. Caminhei para outra sala. Já a franquear a porta, não resisti, e dei um passo atrás para poder olhá-los de novo.

A aula continuava a acontecer. Uma aula viva, num cenário real, e eles imersos na beleza que se lhes oferecia. Com a ajuda das professoras, entravam no quadro, construíam sentidos.

É preciso ensinar a olhar a beleza.

Entrei na outra sala com uma convicção: aos professores, para lá de todas as diferenças, une-os uma essência que se consubstancia num mesmo objetivo - sentirem que têm a responsabilidade de que existem para ajudar a construir um mundo que querem muito, muito melhor. Essa, seja qual for a latitude, é sempre a nossa esperança.

## **Os Amigos dos professores**

Ela trouxe tudo num saco vermelho, enorme. Quando mo entregou, eu não sabia o que lá estava. Abri-o. Copos e guardanapos de papel aos losangos azuis e brancos, bolachas e snacks -pretzels - típicos da festa. Pousei-o no chão e abracei a minha amiga alemã. Foi um abraço fraterno, cheio de afeto e amizade.

Somos amigas há trinta e oito anos. Conhecemo-nos num intercâmbio escolar que aconteceu nessa altura. No final do ensino secundário, no contexto de uma geminação urbana, foi-nos possível uma viagem a uma cidade alemã, gémea do Porto. Seriam três semanas de encontro e convívio com alunos dessa região. Abertos a uma Europa que se nos oferecia como um território a explorar, lá fomos nós, um grupo de vinte e sete alunos de escolas diversas da nossa cidade. E foi uma aventura.

Foram dias fascinantes. Acompanhados por quatro professores, num colégio interno, no meio de uma aldeia na orla da Floresta Negra, convivemos com os alunos da cidade alemã. Falámos uma outra língua (conferindo sentido ao esforço da sua aprendizagem), experimentámos outros sabores, dimensionámos outras geografias, contactámos com outros modos de existir e de estar. E, ao fim desse tempo, houve laços que permaneceram e perduraram. Em alguns casos, alimentaram-se ao longo de anos e anos e agora, na meia idade, fazem ainda maior sentido. É o nosso caso. Encontramo-nos com alguma frequência e, este ano, nas férias, encontrámo-nos lá, na Alemanha. Num supermercado, perante uma diversidade de objetos alusivos a uma festa típica do país, referi que a minha colega e amiga que ensina Alemão na minha escola faria uma aula mais viva com aquilo tudo, mas seria impossível acrescentar algo mais à minha bagagem.

É assim. Não é por vontade, mas é assim. Um professor está quase sempre com a cabeça a duas velocidades: a da sua vida e a da vida da escola. Se acontece vermos algo que interesse para uma aula, para um aluno, para explicar ou ilustrar uma determinada situação ou assunto, fixamo-lo e invocamos o caso quando achamos oportuno. E os amigos sabem isso. Aqueles que nos acompanham de perto, sabem isso. Compreendem-nos e sabem que, para quem é professor, os alunos são uma razão para estar atento a tudo. Por isso, são até capazes de, quando viajam dois mil quilómetros, nos trazerem sacos cheios de coisas que podem ajudar a nossa causa.

Agora, veio ela até cá. E, sem que eu imaginasse, trouxe o enorme saco vermelho. Ofereci tudo à minha colega de Alemão que ficou sensibilizada. Logo ali, desenhou uma aula sobre os costumes e as típicas festas alemãs, aula que ocorreu esta semana. Disse-me que os alunos estavam entusiasmados e que foi uma aula cheia de cor.

Quando se é adolescente ou jovem adulto, tudo é muito intenso. Nos anos oitenta, o encontro com uma Europa já muito desenvolvida permitiu-nos abrir os olhos para um vasto horizonte. Crescemos imenso. Não será o caso desta aula de Alemão mais animada e mais colorida. Decerto, não fará crescer os alunos como a experiência que, há quase quarenta anos tivemos. Ainda assim, fez-me pensar que foi a “minha” escola que permitiu que “esta aula” viesse a acontecer. E que a amizade pode ser um valor a descobrir por todos. E ainda que, um verdadeiro amigo pode ajudar-nos a dar mais cor a uma aula.